

# SERIA CRISTÃO O MORMONISMO?

UM EXAME DA DOCTRINA DOS MÓRMONS EM CONFRONTO COM O CRISTIANISMO BÍBLICO ORTODOXO

*Por Gordon H. Fraser*

*Tradução de W. J. Goldsmith*

## SUMÁRIO

Introdução

1 — Os Mórmons e a Bíblia

2 — Os Mórmons e Deus

3 — Os Mórmons e a Santíssima Trindade

4 — Os Mórmons e Jesus Cristo

5 — Os Mórmons e o Espírito Santo

6 — A Doutrina dos Mórmons sobre o Homem

7 — Os Mórmons e a Salvação

8 — Os Mórmons e o Batismo

9 — Os Mórmons e o Batismo pelos Mortos

Conclusão

Nota: Todas as citações encontradas neste livro (salvo as bíblicas) foram traduzidas diretamente dos livros originais, obras que foram escritas no idioma inglês.

## INTRODUÇÃO

Que queremos dizer por "cristão"?

Pergunte-se na rua ao homem médio e ele dirá: "Todo o que não é judeu nem ateu é cristão". Os mórmons vêm lutando há anos para serem reconhecidos como denominação cristã. Até uns dez anos atrás, essa pretensão era rejeitada até mesmo pelos grupos mais liberais de professos cristãos. Ultimamente, porém, com o rebaixamento geral dos padrões cristãos de pensamento, e com seu notável esforço através da imprensa e do rádio, os mórmons conseguiram sua meta no pensamento do público em geral.

Seriam, porém, cristãos os mórmons?

Se o termo abrange todos os que empregam o nome de Cristo em seus títulos, ou em seus ensinamentos, teremos de admitir a pretensão dos mórmons. Com eles teríamos, nesse caso, que incluir as Testemunhas de Jeová, a chamada Ciência Cristã e a maior parte das demais seitas metafisicistas, bem como os unitarianos, os universalistas, os bahaístas e uma multidão de assim chamados aderentes liberais das várias denominações cristãs, que primitivamente eram de todo ortodoxas.

Todos esses fazem referência frequente a Jesus Cristo, e usam citações da Bíblia em apoio de suas doutrinas, porém, em comum com os mórmons, negam o que nós temos por dogmas indispensáveis do Cristianismo verdadeiro, histórico e ortodoxo. No atual estudo examinaremos as doutrinas do mormonismo em confronto com as seguintes doutrinas bíblicas:

1. Que a divindade é triúna;
2. Que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são co-iguais e co-eternos;
3. Que Jesus Cristo é o eterno Filho de Deus e que se manifestou em carne a fim de realizar a redenção mediante sua morte sacrificial no Calvário;
4. Que o homem é pecador, tanto por natureza como pela sua prática;

5. Que o homem pode tornar-se filho de Deus unicamente valendo-se da obra da redenção realizada pela morte de Cristo;

6. Que a salvação é eterna e que é alcançada exclusivamente como dom da graça de Deus, independentemente do esforço próprio;

7. Que as boas obras são o resultado da vida regenerada e não um meio de se adquirir ou perpetuar a salvação;

8. Que a salvação está à disposição de "quem quiser," sejam quais forem as profundezas a que o pecador tenha descido em seu abandono da justiça;

9. Que a Bíblia é a Palavra inerrante de Deus;

10. Que a Bíblia foi escrita por homens inspirados pelo Espírito Santo de Deus e que ela contém tudo que nos é necessário saber no tocante: à Pessoa e à obra da Divindade; à origem, à natureza e ao destino do homem; à natureza e às consequências do pecado; aos meios de progresso na vida espiritual do crente; ao procedimento dos cristãos em suas comunidades mútuas na qualidade de Igreja testemunhadora.

Antes de prosseguir neste estudo, devemos abrir um parêntese para esclarecer que existem seis entidades religiosas distintas que circulam dentro da órbita do **Livro de Mórmon** e da liderança profética de Joseph Smith. A título informativo passamos a registrar a designação desses grupos:

1. *"A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias"*, com sede em Salt Lake City (Cidade do Lago Salgado), Estado de Utah, Estados Unidos da América do Norte. Esses são conhecidos por mórmons "brighamistas", pelo fato de considerarem Brigham Young como sucessor credenciado de Joseph Smith;

2. *"A Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias"*, com sede em Independence, Estado de Missouri. Esse grupo, que é o segundo em número de adeptos, é conhecido por *"Igreja Josephista"*, pelo fato de insistir em que a sucessão do ofício profético há de descender na linhagem direta de Joseph Smith. Esse grupo constitui-se daqueles que rejeitaram a liderança de Brigham Young e tomaram o partido de Emma Smith, primeira esposa de Joseph, o Profeta.

3. *"A Igreja de Cristo, Lote do Templo Hidrickista"*, com sede em Independence, Missouri. Esse grupo, embora pequeno, é bastante vigoroso e pretende ser a única igreja verdadeira em virtude do fato de estar de posse do lote designado em 1831 por Joseph Smith para local do Templo de Sião. Apontam com orgulho os marcos de pedra inscritos e colocados por Joseph Smith marcando o sítio do templo.

4. *"A Igreja de Jesus Cristo Bickertonista"*. Esse grupo teve a adesão e apoio de Sidney Rigdon, ex-batista, ex-cambelista que se tornou o teólogo de Joseph Smith nos primeiros tempos do mormonismo. Rigdon se opunha às ideias polígamas de Joseph Smith e foi expulso da igreja em Nauvoo, Estado de Illinois, por insubordinação. Alega-se que seu ato final de rebeldia foi sua recusa de dar sua filha, Nancy, a Smith como esposa adicional.

5. *"A Igreja de Jesus Cristo Cutlerista"*, acompanhou Alpheus Cutler que afirmava ter tido uma visão que lhe assegurava a sucessão de Joseph Smith. Esse grupo tinha adeptos em Iowa do Norte e Wisconsin. Está agora bastante reduzido.

6. *"A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Strangista"*, seguiu a liderança de James J. Strang, que ingressou mais tarde nas fileiras do mormonismo em Nauvoo. Strang era uma personalidade forte que afirmava ser o sucessor do profeta, tanto à base de visões que tivera, como de ter recebido uma carta de Smith com data de dez dias antes do assassinato do profeta. Strang foi desalojado da igreja pelo partido de Brigham Young e a carta foi repudiada,

embora existam fortes evidências de que a carta de fato existiu. Strang fomentava a poligamia e estava criando uma organização forte no Michigan do Norte. Instalou-se como rei, mas seu reino morreu e seus seguidores debandaram quando Strang foi alvejado de tocaia por seguidores ultrajados. Os strangistas acham-se agora quase extintos.

A título de justiça devemos acrescentar que todos esses grupos, com exceção dos brighamistas e dos strangistas, renegaram a poligamia, recuaram da ideia extremada Deus-Adão dos brighamistas e, com algumas reservas, da doutrina do batismo pelos mortos. Não fora sua adesão ao Livro de Mórmon como Palavra de DEUS, e seu reconhecimento do ofício profético de Joseph Smith, passariam por igrejas cristãs desde que não fossem examinados muito de perto.

Não temos dúvidas da integridade moral desses grupos que não seguiram Strang ou Brigham Young. O que pomos em dúvida são seus métodos para evitarem todo o alcance do mormonismo. Enquanto esses grupos retiverem Joseph Smith como seu profeta, e seus escritos como palavra inspirada de Deus, não poderão deixar de estar implicados nas doutrinas falsas que foram declaradas em seus escritos e em seus discursos.

É com essas doutrinas não-bíblicas, plenamente desenvolvidas pela Igreja do Lago do Sal, que nos ocupamos no presente estudo. Se alguma seta resvalar do alvo principal e ferir algum dos outros grupos, será porque eles se colocam diretamente na linha de seu curso.

Nosso objetivo único neste estudo é o de alertar cristãos marginais ou os que desconhecem o verdadeiro caráter das doutrinas dos mórmons. Acréscimos à Igreja dos Mórmons (e estes estão se incrementando rapidamente) são derivados quase invariavelmente das fileiras de grupos cristãos estabelecidos, e quase sempre daqueles que não estão seguros quanto à doutrina da salvação e outras verdades bíblicas.

Os missionários dos mórmons são bem treinados em seus métodos, e quem é crente só de nome é presa fácil para seus argumentos. Ainda não vimos, entretanto, uma pessoa inteligente e renascida, conhecedora da Bíblia e suas doutrinas, cair no mormonismo.

Os missionários dos mórmons que batem às portas são moços educados e bem apessoados. Apresentam-se como "missionários cristãos" ou usam algum outro termo inócuo. Uma equipe, que voltara recentemente de Honduras, anunciava-se como membros da Missão da América Central. Outra equipe recentemente encontrada limitava-se a pedir licença para "entrar e ter uma palavra a respeito do Cristianismo". Evitam identificar-se como mórmons ou "santos dos últimos dias" a não ser depois de conseguirem audiência.

Esses jovens missionários recebem instrução cuidadosa, tanto nos pontos delicados da arte de vender como nos melhores métodos de interessar membros das várias denominações. Faz parte de seu treinamento assistirem aos cultos nas várias igrejas, para ficar informados em matéria de fraseologia e doutrina.

Devemos fazer questão de que visitantes desse tipo se identifiquem. Quando verificamos que são "santos dos últimos dias" ou "mórmons", o único caminho seguro a seguir é negar-lhes entrada no lar. Isso está de acordo com a instrução dada pelo apóstolo João à "senhora eleita":

*“Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina (de Cristo), não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas; porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más”* (II João 10.11).

## CAPÍTULO PRIMEIRO OS MÓRMONS E A BÍBLIA

A fim de avaliarmos os ensinamentos do mormonismo, precisamos compreender-nos do pensamento dos mórmons: 1) sobre seu conceito da inspiração da Bíblia; e 2) os valores por eles atribuídos a seus próprios escritos.

Dois itens da declaração doutrinária dos mórmons vêm à baila nesta discussão. O primeiro, o Artigo 8º da Declaração de Fé, que é a apresentação doutrinária oficial e publicada da Igreja dos Mórmons, afirma:

*“Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, até onde esteja corretamente traduzida; também cremos que o Livro de Mórmon é a Palavra de DEUS”.*

O segundo, o Artigo 9º, declara:

*“Cremos em tudo que Deus já revelou, tudo que ele agora revela, e cremos que ele revelará muitas coisas grandes e importantes pertencentes ao Reino de DEUS”.*

Os mórmons creem na revelação progressiva, conforme evidencia sua aceitação do Livro de Mórmon como a Palavra de Deus, no Artigo 8º, e a margem permitida para "revelações" posteriores, no Artigo 9º (essas declarações doutrinárias não foram formuladas nem publicadas senão depois de completados os escritos de Joseph Smith, provavelmente em 1843.) Os escritos de Smith se expandiam à medida que surgia a necessidade de novas "escrituras" para concretizar a evolução de sua teologia. Como exemplo disso, podemos observar que a evolução dos escritos de Smith desenvolveu-se na razão direta da deterioração de seu conceito de Deus.

Para informação de nossos leitores que não estejam a par dos escritos de Joseph Smith, os quais são aceitos pelos mórmons como sendo iguais à Bíblia em sua inspiração, apresentamos o seguinte resumo. Relacionamos as obras na ordem em que foram escritas, embora não tenham sido entregues ao público nessa ordem:

1 — *O Livro de Mórmon*, 1830;

2 — *Os Pactos e Mandamentos*, posteriormente *Doutrina e Convênios*, "revelações" outorgadas a Joseph Smith, 1830-1843;

3 — *A Versão Inspirada da Bíblia*, 1832(?), publicada primeiro pela Igreja Reorganizada em 1866;

4 — *A Pérola de Grande Valor*, que abrange o "Livro de Moisés", "Livro de Abraão" e "uma seleção das revelações, traduções e narrativas de Joseph Smith", 1833-1835. Impresso primeiro em 1851;

5 — *O Discurso King Follett*, um discurso funeral proferido em 1844.

No *Livro de Mórmon* o conceito de Deus não diverge grandemente do conceito bíblico, embora não haja discernimento no uso apropriado dos diversos nomes bíblicos de Deus. Na *Versão Inspirada da Bíblia*, que vejo em seguida na ordem dos escritos de Smith, bem como no *Livro de Moisés* da *“Pérola de Grande Valor”*, os quais são idênticos, Jesus já se tornara antropomórfico. Isso está de acordo com a afirmativa de Paulo em Romanos 1.23, com referência à deterioração do culto gentio: *“Mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível”*. No *Livro de Abraão*, que vem depois do *Livro de Moisés* na *Pérola de Grande Valor*, já havia desenvolvido um nítido politeísmo: Deus se tornara um entre vários deuses.

Em *Doutrina e Convênios*, que se acumularam durante um período de doze anos, Deus foi apresentado como tendo corpo de carne e ossos (130.22).

No *Discurso King Follett*, que foi apresentado no decorrer do último ano da vida de Smith, Deus é pintado como sendo "uma vez como nós somos agora, e é um homem glorificado". Esses ensinamentos heréticos serão expostos mais amplamente em capítulo posterior.

Cabe aqui um breve resumo dos diversos volumes que constituem as escrituras dos mórmons. Será necessariamente breve, em um livrinho como este.

O *Livro de Mórmon* foi o primeiro. Afirma-se que foi traduzido de placas de ouro que Smith teria encontrado, por indicação do Anjo Morôni, em um caixão escondido numa encosta perto da fazenda dos Smith, nas proximidades de Palmyra, Nova Iorque.

Consta que as placas traziam inscrições em "egípcio reformado" e continham o registro de várias migrações para o continente americano nos tempos do Antigo Testamento. O desenvolvimento dessas migrações em civilizações e sua história até o 5º século de nossa era constituem o tema principal do livro.

Doutrinadores mórmons insistem que os índios americanos descendiam desses imigrantes, que eram judeus que deixaram Jerusalém 600 anos antes de Cristo, e vieram para a América através do Pacífico. Daí, segundo os mórmons, os índios são semitas e constituem as tribos perdidas de Israel.

Os mórmons têm diante de si a circunstância embaraçosa de possuírem outra teoria da origem dos habitantes das Américas. Essa segunda teoria é tão 'autêntica' quanto a do *Livro de Mórmon*, pois foi revelada a Joseph Smith no dia 19 de maio de 1838 em Spring Hill, Missouri, e se encontra registrada em *Doutrina e Convênios* seções 116-117. Talmage defende essa teoria em seus *Artigos de Fé*, p.474. Às páginas 283-284 do mesmo livro, Talmage defende a teoria do *Livro de Mórmon*.

O livro conta da vinda do Cristo ressurreto à América, onde Ele teria pregado aos habitantes, resultando isso na formação de uma igreja cristã na América no 1º século. Essa igreja teria desaparecido no decorrer do 4º século A.D.

A tradução das placas teria sido efetuada por meio de um par de óculos encontrado junto das placas de ouro e chamados por Smith "urim e tumim." Há várias narrativas contraditórias sobre o método de tradução. Uma das versões do próprio Smith é que, quando o urim e o tumim eram colocados sobre os caracteres de "egípcio reformado", apareciam-lhe em inglês.

É duvidoso que Smith tivesse mais do que uma ideia muito nebulosa, de que o *Livro de Mórmon* viesse a tornar-se a base de uma religião. Evidentemente, sua primeira ideia era a de escrever um romance, visando lucro.

No decorrer do processo de escreverem o livro, ao que parece, Smith e seu escriba, Oliver Cowdry, tiveram a ideia de fundar uma nova igreja, e, até publicarem o livro, Cowdry e Smith afirmavam ter recebido visões e cada qual batizou e ordenou o outro, sob as supostas ordens de João Batista:

*"que nos visitou nessa ocasião e nos conferiu esse sacerdócio (aarônico)... e que assim procedia sob a direção de Pedro, Tiago e João, que detinham as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque, sacerdócio esse que... oportunamente nos seria conferido, e que eu seria chamado o primeiro Ancião da igreja e ele (Oliver Cowdry) o segundo. Foi no décimo-quinto dia de maio de 1829 que fomos ordenados sob a mão desse mensageiro e batizados"* (História de Joseph Smith, em *A Pérola de Grande Valor*, p.98-99).

Vários anos depois, quando Cowdry fazia sua defesa depois de ter sido expulso da igreja, ele fez um comentário muito esclarecedor referente à identidade do mensageiro que fora reconhecido como João Batista. Cowdry disse:

*“Recebi o batismo pela direção do Anjo de Deus, cuja voz, conforme ultimamente me ocorreu, tinha uma semelhança muito misteriosa com a voz do Ancião Sidney Rigdon” (Defesa de Oliver Cowdry. Sidney Rigdon se tornaria em breve o teólogo de Joseph Smith, com o qual talvez já estivesse em contato).*

Testemunhas da veracidade da "obra divinamente revelada" apareceram logo entre o crescente número de membros da novel igreja. Três testemunhas, Oliver Cowdry, David Whitmer e Martin Harris, assinaram uma declaração, cujo resumo é o seguinte:

*“Que nós... vimos as placas... e também sabemos que foram traduzidas pelo dom e poder de Deus... e também testificamos que vimos as inscrições que estão nas placas... e declaramos com palavras de sobriedade, que um Anjo de Deus desceu do céu, e ele trouxe e colocou diante dos nossos olhos que nós contemplamos e vimos as placas e as inscrições que nela havia...” (Prefácio do Livro de Mórmon).*

Smith depressa ficou insatisfeito com esse testemunho dos três, uma vez que cada um deles contava o caso a seu modo. Antes que o livro fosse para a tipografia, foram conseguidas oito testemunhas adicionais, que declararam que tinham visto e tomado o peso das placas.

Na primeira edição do *Livro de Mórmon*, essa declaração das oito testemunhas informa que Joseph Smith Filho era "autor e proprietário desta obra." A mesma afirmativa constava da página de rosto da primeira edição.

Segundo as edições posteriores, as oito testemunhas diziam que Smith era o "tradutor" do livro. A página de rosto também foi modificada. Comenta I. W. Riley que *"o nome do autor e proprietário do Livro de Mórmon foi tomado por descuido e logo abandonado"* (I. Woodbridge Riley, *The Founder of Mormonism*).

Essa transição de "autor" para "tradutor" foi um passo de desenvolvimento. A "revelação" que autorizava o novo título de Smith veio várias semanas depois da publicação do *Livro de Mórmon*. O *Livro de Mandamentos*, posteriormente chamado *Doutrina e Convênios*, registra essa revelação, com data de 6 de abril de 1830, como segue: *"Serás chamado vidente, tradutor, profeta, apóstolo de Jesus Cristo"* (*Doutrina e Convênios* 21.1). Os mórmons são veementes em insistir que Smith foi o tradutor e não o autor do *Livro de Mórmon*.

Das três primeiras testemunhas, Cowdry, que recebeu a primeira inspiração juntamente com Joseph Smith, foi expulso da igreja em razão de um sem-número de irregularidades, inclusive procedimento desordeiro e falsificação. Antes disso, enquanto estava ainda na igreja, ele tinha sido 'disciplinado por adultério'.

Martin Harris, que fora um dos primeiros partidários de Smith, e financiara a primeira edição do *Livro de Mórmon*, admitiu mais tarde ter visto as placas "pelos olhos da fé." Harris foi sempre mais ou menos um problema para Smith por causa de sua língua solta. Por fim foi expulso como apóstata, depois de ter tomado o partido de uma jovem "vidente" que usava uma pedra preta para prever o futuro (Fawn McKay Brodie, *No Man Knows My History*, p.205). Nos últimos anos de sua vida, Harris uniu-se de novo aos mórmons e foi levado pelos brighamistas para Utah. Revelou-se, porém, mais um problema do que um troféu, e pouco mais se sabe a seu respeito, se bem que lhe foram outorgadas honras apropriadas por ocasião de sua morte.

David Whitmer fora expulso da igreja, junto com Martin Harris e Cowdry no episódio da jovem vidente, mas foi reintegrado e enviado ao Oeste junto com Cowdry a negócios da igreja. Quanto ao segundo grupo de testemunhas, até 1837, sete anos após a impressão do livro, todas com exceção do pai e irmãos de Joseph, já tinham sido expulsos da igreja como apóstatas ou tinham saído espontaneamente. Desse modo, todos os três elementos do primeiro grupo e cinco do segundo grupo de testemunhas, foram mais tarde repudiados por Smith.

Quando levamos em consideração que Smith declarava que essas testemunhas foram todas "ordenadas pelo Senhor" (Prefácio do *Livro dos Mórmons*) a ser testemunhas, não podemos deixar de por em dúvida a onisciência do deus de Smith.

Em 1830 Joseph compreendeu que a Bíblia, como estava, e o *Livro de Mórmon*, não eram suficientes como base para sua teologia que se expandia. Isso era verdade, especialmente no caso de suas ideias em evolução sobre o sacerdócio. Iniciou então sua *Versão Inspirada da Bíblia*. Um de seus apologistas escreve:

*"As escrituras do Novo Testamento são a Palavra de Deus até onde se acham corretamente traduzidas. Joseph Smith empreendeu uma revisão das escrituras, da única forma possível: pela revelação"* (James L. Baker, *The Divine Church*, p.9).

O mesmo escritor afirma, ao comentar o texto das Escrituras:

*"De modo geral, é de bom arbítrio não usar uma única passagem da escritura como prova de determinado assunto, a não ser que esteja confirmada pela revelação moderna. Tendo uma citação única a confirmação da revelação moderna, podemos ter a certeza de sua interpretação... "Ninguém jamais viu a Deus" (João 1:18) não está de acordo com outras escrituras. Em tais casos, ou o texto não chegou corretamente até nós ou foi traduzido incorretamente"* (James L. Baker, *The Divine Church*, p.9).

"Revelação moderna", para Barker, significa as "revelações" dadas a Joseph Smith. Ninguém, senão Smith, era capacitado para receber revelações.

Na *Versão Inspirada*, Smith arma sobre o quadro da velha versão inglesa uma quantidade de material inteiramente estranho à Bíblia, e que não possui nenhuma justificativa a não ser a de documentar as doutrinas de Smith. Várias centenas de versículos são acrescentados ao Gênesis, e muitos outros são modificados para acomodá-los às ideias dele.

A história da criação, e das vidas de Adão e sua família, são grosseiramente falseadas, sendo-lhes acrescido muito material fictício. A vida de Enoque é expandida em vários capítulos de material exótico, pelo qual Smith e Rigdon pretenderam dar valor a sua "Ordem de Enoque", de caráter comunista, que seria logo abandonada. A história de Melquisedeque vem muito ampliada a fim de fornecer fundo "bíblico" às ideias dos mórmons quanto ao sacerdócio. A passagem correspondente à Epístola aos Hebreus foi alterada com o mesmo fim.

Quem ler tratados ou obras expositivas dos mórmons, deve verificar com cuidado as pretensas referências bíblicas. A expressão "conforme escreveu um dos antigos profetas", é seguida muitas vezes por citação de um escrito puramente mórmon. Deve ser verificada especialmente qualquer suposta citação da Bíblia. Os mórmons ora citam a antiga versão inglesa, quando serve a seus fins, ou podem citar sua própria *Versão Inspirada*.

Por exemplo, em apoio de sua doutrina de que todos os homens foram criados espíritos e existiram como espíritos desencarnados em eras longínquas, citam Gênesis 2.5-6, que na sua *Versão Inspirada* diz:

Pois Eu o Senhor Deus criei todas as coisas das quais tenho falado, espiritualmente, antes que estivessem naturalmente sobre a face da terra; pois Eu o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra. E Eu o Senhor Deus tinha criado todos os filhos dos homens, e ainda não um homem para cultivar o solo pois no céu Eu os criara, e ainda não havia carne sobre a terra. '

Qualquer leitor inteligente da Bíblia saberá que tais palavras não se encontram nela, porém o cidadão médio, que pouco sabe da Bíblia, poderá imaginar que a citação é realmente dela. Há dezenas de adulterações desse tipo.

Os manuscritos da *Versão Inspirada* permaneceram em mãos da viúva de Joseph, Emma, por isso não foram publicados pelos mórmons do Lago Salgado nem são geralmente usados por eles. A 'versão' foi impressa primeiro em 1866 pela Igreja Reorganizada e é por ela usada como texto básico da Bíblia.

Enquanto prosseguia esse trabalho de 'revisão', a igreja estava expandindo-se rapidamente, tendo-se transferido para Kirtland, Estado de Ohio. Havia agora necessidade de diretrizes para regulamentar a Igreja e os negócios em geral. Essas tomaram a forma de 'revelações' e foram reunidas no novo volume que se tornou conhecido por *Doutrina e Convênios* (também chamado *Primeiro Livro de Mandamentos*). São apresentadas como a palavra do Senhor recebida por Joseph Smith. Tal forma era inevitável, uma vez que Smith já criara o precedente de falar como único profeta estabelecido por Deus.

Há alguma coisa de muito incoerente no material aí reunido, como por exemplo o pagamento de contas de tipografia, abertura de curtumes e tipografias, a construção de uma pensão, a nomeação de comissões e inúmeros outros detalhes seculares. Fonte muito humana dessas 'revelações' é evidente, pois frequentemente as diretrizes se mostraram contraproducentes, para desabono de Smith e prejuízo da organização.

Durante o período em Kirtland, foi dado início a uma quarta obra: a *Pérola de Grande Valor*. Esse volume é rejeitado pela igreja Reorganizada, mas é considerado texto padrão pelos mórmons do Lago Salgado.

O "Livro de Moisés", que é a primeira parte da *Pérola de Grande Valor*, é idêntico às passagens iniciais da *Versão Inspirada* da Igreja Reorganizada. Esse volume contém também Mateus 24, citado com várias omissões e alterações da antiga versão inglesa e constando do capítulo intitulado: "*Escritos de Joseph Smith*". Essa seção inclui vinte páginas da história pessoal de Smith, bem como os "*Artigos de Fé*", que constam de várias publicações dos mórmons.

A parte mais surpreendente da *Pérola de Grande Valor* (Pearl of Great Price) é o "Livro de Abraão" que Smith assim descreve:

*"Uma tradução de alguns registros antigos que vieram parar em nossas mãos, vindos das catacumbas do Egito: os escritos de Abraão enquanto ele estava no Egito e chamado Livro de Abraão, escrito em papiro por seu próprio punho"* (A *Pérola de Grande Valor*, p.50).

Esses papiros foram encontrados nos envoltórios de certas múmias egípcias, os quais Smith comprou de um dono de circo ambulante de nome Chandler. Afirmava-se que a múmia, sobre as quais foram encontrados os escritos de Abraão, era da filha de Faraó.

Às páginas 50 e 62 de *Pérola de Grande Valor* encontram-se reproduções de folhas do papiro do "Livro de Abraão." Smith atribui-lhes grande importância, apresentando pormenorizadamente sua interpretação. Não afirma, porém, ter traduzido esses papiros por "revelação", conforme fizera em seus escritos anteriores, mas por "tradução do egípcio."

Smith nada sabia de egípcio. Mesmo o "egípcio reformado" das placas de ouro tivera que ser "interpretado" por meio do urim e tumim. O que ficou preservado do "Livro de Abraão" não apresenta nenhuma semelhança com os caracteres 'egípcios reformados' da amostra copiada por Smith das placas de ouro.

Sem dúvida, Smith se sentia seguro no papel de tradutor do egípcio, porque naquele tempo muito pouco era sabido da língua egípcia. A primeira gramática egípcia, iniciada por Champollion na década dos 1820, não foi publicada senão em 1836. Os desenvolvimentos dos



cinquenta anos seguintes (no decorrer dos quais o "Livro de Abraão" de Smith se tornara evangelho para os mórmons) provaram que Smith nada sabia da língua egípcia, conforme fica claramente demonstrado em seu *Pérola de Grande Valor*.

A Igreja Reorganizada chegou a reconhecer isso e deixou de usar o livro, porém, não repudiaram seu perpetrador.

Egiptólogos do século 20 têm examinado as reproduções de Smith e informam que suas "traduções" são completamente inexatas. São de opinião que os papiros de Smith nada mais eram do que os documentos comuns usados nos ritos funerários do período egípcio posterior. Existem milhares desses documentos, que se acham expostos em qualquer museu de antiguidades egípcias. Além disso, afirmam categoricamente que tais documentos não eram usados senão pelo menos quinhentos anos depois do tempo de Abraão.

Entre esses egiptólogos estavam os destacados eruditos: Dr. W. Flinders-Petrie, de Londres; Dr. James H. Breasted, de Chicago; Dr. Arthur C. Mace, de Nova Iorque; Dr. John H. Peters, da Universidade de Pennsylvania, e diversos outros. (15)

Dessa forma o "Livro de Abraão" ficou completamente desacreditado a não ser aos olhos de mórmons leais. Um professor da Universidade Brigham Young, ao se defrontar com esses fatos do citado escritor, respondeu: "*Os mórmons preferem confiar nas inspirações de Joseph Smith do que na erudição de modernos cientistas*".

Mais um documento tido por inspirado, embora não esteja incluído entre *Doutrina e Convênios*, é um discurso proferido por Joseph Smith perante 20.000 dos santos no enterro do Ancestral King Follett em Nauvoo, Estado de Illinois, em abril de 1844.

Esse discurso, proferido poucas semanas antes da morte de Smith, por assassinato, apresenta um resumo final da doutrina de Smith do homem divinizado e um deus humanizado. É citado com frequência pelos mórmons, e dele formulou Lorenzo Snow a chapa: "*Como o homem é, assim foi Deus. Como Deus é, assim pode tornar-se o homem*" (*King Follett Discourse*, p.9).

Os mórmons fazem questão de afirmar que provavelmente nenhuma passagem da Bíblia chegou até nós traduzida corretamente. Entretanto, o *Livro de Mórmon*, e os demais escritos de Joseph Smith, contêm vários milhares de citações verbais da antiga tradução inglesa. Essas incluem pelo menos quinze capítulos completos de Isaías e dois capítulos de Malaquias, os quais se acham transcritos na linguagem exata da tradução inglesa chamada "autorizada", com todo o seu idioma de princípios do século. O exame dos escritos dos mórmons revela que a exclusão das citações e alusões bíblicas deixaria uma confusão, sem sentido, de pseudo-história.

Os mórmons expuseram-se à acusação de duas incoerências: 1) Repudiaram o próprio texto que serve de base literária de seus escritos; 2) De fonte nada respeitável produziram suas próprias escrituras, das quais apresentam citações sem fim em apoio de suas doutrinas. Professam honrar a Bíblia como revelação da parte de Deus para o Hemisfério Oriental, ao passo que alegam que o *Livro de Mórmons* é a revelação dos tratados de Deus para com o povo do Hemisfério Ocidental.

Os mórmons dizem respeitar a Bíblia, vendem-na em suas livrarias, mas eles próprios confessam que raramente a lêem; e não se arriscam a expor-se aos ensinamentos da Bíblia.

Diversos ex-mórmons, conhecidos deste autor, atribuem sua libertação da seita ao fato de terem tentado conciliar o mormonismo com a Bíblia. Seu estudo da Bíblia convenceu-os das incoerências dos ensinamentos dos mórmons.

## CAPÍTULO DOIS

### OS MÓRMONS E DEUS

O deus da teologia mórmon não é o Deus da Bíblia. Podemos ainda afirmar que o deus da teologia mórmon de hoje não é mesmo deus do *Livro de Mórmon*. Os mórmons estrebucham quando lhes dizemos isso, e procuram escapulir-se quando são desafiados a justificar o conceito da divindade conforme apresentado nos escritos de seus teólogos mais recentes.

Quando Joseph Smith escrevia o *Livro de Mórmon* com a ajuda de Oliver Cowdry e Martin Harris (e ainda, segundo desconfiamos, de Sidney Rigdon), Smith e seus companheiros não tinham maior conhecimento dos nomes e atributos de Deus do que o "circunstante médio" de seu tempo.

Havia disponível para eles, no interior da parte alta do Estado de Nova Iorque, pouca exposição bíblica. Os pregadores da região eram os exortadores das reuniões de acampamento, que, eles mesmos, conheciam muito pouco do plano ou da estrutura da Bíblia.

O calvinismo e o arminianismo, a predestinação e o livre arbítrio eram discutidos mais ou menos tão inteligentemente pelos donos de boteco como o eram pelos que tinham pendores religiosos. Mas o ensino da graça de Deus na salvação não era apresentado pelos calvinistas, nem tampouco era praticada, a não ser esporadicamente, a vida santa pelos arminianos.

Experiências emocionais de qualquer espécie eram por muitos consideradas "conversão". Sonhos e visões eram comuns. Muitos, que desdenhavam dos emocionalistas, aceitavam o batismo com água para remissão dos pecados como o meio de salvação, totalmente inconscientes de que "a remissão de pecados" e a salvação não são idênticas.

Não havia conhecimento do ensino dispensacional: instruções dadas pelos profetas a Israel no Antigo Testamento não se distinguiam dos ensinamentos de Paulo às igrejas novas na Ásia Menor e na Europa. Uma citação da Bíblia era igualmente válida, fosse da boca de Satanás ou de Isaías. Os bons iam para o céu e os maus para o inferno, de acordo com seu estado na hora da morte.

A nova igreja de Alexander Campbell, os grupos adventistas de William Miller e o espiritismo das Irmãs Fox, todos brotaram desse mesmo solo. Da mesma sementeira saiu também o *Livro de Mórmon*, com a pretensão de ser uma revelação divina, mas ostentando todos os sinais de falsificação de um jovem ignorante, porém precoce e de imaginação muito viva, Joseph Smith; de seu escriba, Oliver Cowdry, que exercia as duas profissões de professor e ferreiro, e de um agricultor local, Martin Harris, que era de modo geral bem sucedido nos negócios, mas um visionário crédulo em matéria religiosa.

A pessoa da divindade conforme é apresentada no *Livro de Mórmon* era a do religionário inculto que reconhecia o fato de Deus, conforme apresentado pelos "exortadores", simplesmente porque não queria aparecer como ateu. Deus era tomado por pressuposto.

No *Livro de Mórmon*, não se exerceu discernimento algum no emprego dos vários nomes bíblicos de Deus. Usava-se Deus Eterno quando se queria dizer Todo-Poderoso. O Cordeiro era empregado no mesmo sentido que o Messias. O Altíssimo era usado com referência a judeus, e Jeová com respeito a gentios.

Podemos citar os seguintes exemplos dessa falta de coerência. Em Mosias 3:18 (124 A.C.) encontramos: "*O sangue expiador de Cristo, o Senhor Onipotente*". Ora, a expressão: "sangue expiador de Cristo" está fora de sequência cronológica em 124 antes de Cristo. O termo grego "onipotente" dificilmente seria usado pelos indígenas americanos em 124 A.C.

Em Nephi, livro primeiro, capítulos 11-14, encontramos o emprego do termo "o Cordeiro de Deus", com oito variações, por quarenta e seis vezes. Nas Escrituras o termo é usado exclusivamente pelo apóstolo João e estaria completamente fora de sequência cronológica em 600 A.C. É provável que, quando escrevia o *Livro de Mórmon*, Joseph Smith não possuía a consciência de ter ou deixar de ter, um conceito passível de definição de Deus. Mas, assim que sua novel igreja começou a tomar forma, era necessário que ele desenvolvesse um teísmo apropriado.

Deve ser lembrado que, nessa ocasião, Sidney Rigdon, que fora desligado sucessivamente pelos batistas e pelas novas igrejas de Alexander Campbell, já tinha tomado o partido de Smith. Não existe nenhuma indicação de que Rigdon fosse mais do que um simples teólogo profissional. O que é certo é que seu conhecimento do texto bíblico não se aliava a nenhuma indicação de discernimento espiritual. Não passava de um experimentador religioso que via na nova religião de Smith uma oportunidade para tomar um lugar para si. Sem dúvida alguma, grande parte da nova teologia de Smith, e praticamente toda a fraseologia religiosa dos vários livros, revelam a influência de Rigdon.

Após a publicação do *Livro de Mórmon*, as ideias de Smith se desenvolveram rapidamente. Um deus completamente antropomórfico apareceu à medida que as *Doutrina e Convênios* começaram a acumular-se e a *Versão Inspirada da Bíblia* era preparada. Até completar a Pérola de Grande Valor, o conceito de Smith era de uma pluralidade de deuses. Até o fim de sua breve existência, quando ele proferiu o Discurso King Follett, Deus era um entre muitos deuses, e Adão era o deus deste mundo. Os deuses tinham-se tornado em super-homens, e os homens eram deuses em embrião. Nessa altura, o teísmo de Smith era uma espécie de politeísmo.

Tendo à sua disposição a matéria-prima dos escritos de Smith, foi fácil para os seguidores do profeta — Brigham Young, Orson e Parley Pratt, Orson Hyde, J. F. Smith e outros — desenvolverem as modernas doutrinas não bíblicas dos mórmons sobre a divindade. Os mórmons podem ser inteiramente sinceros na sua crença em seu deus, porém não é o Deus da Bíblia.

Umhas poucas amostras do desenvolvimento do teísmo de Smith serão bastante esclarecedoras. Três exemplos do *Livro de Mórmon* serão suficientes para demonstrar que seu primitivo conceito de Deus não fugia muito da ortodoxia:

*"Pois eu sei que Deus não é um Deus parcial, nem um Ser mutável: Mas é imutável de eternidade em eternidade" (Livro de Mórmon, Morôni, 8.18).)*

*"E Zeezrom disse-lhe: "Tu dizes que há um Deus verdadeiro e vivo?" E Amulek disse: "Sim, há um Deus verdadeiro e vivo." Agora Zeezrom disse: "Há mais de um Deus?" E ele respondeu: "Não!" (Livro de Mórmon, Alma 11.26-29).*

*"Pois não lemos que Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente, e nele não há variação nem sombra de mudança? E agora se tiverdes imaginado para vós um deus que varia — então imaginastes para vós um deus que não é um Deus de milagres — Eu vos digo que ele não muda: se não fosse assim, ele deixaria de ser Deus" (Livro de Mórmon, Mórmon 9.8-19).*

Temos uma ligeira desconfiança que Mórmon estava "colando" quando, no quarto século A.D., ele pôde citar, palavra por palavra, Hebreus 13.8 e Tiago 1.17 pela tradução inglesa do século 17!

Nas primeiras "revelações" registradas em *Doutrina e Convênios*, que eram da mesma época da publicação do Livro de Mórmon, o conceito de Deus não tinha sofrido sensível mudança. Lemos:

*"Por essas coisas sabemos que há um Deus no céu que é infinito e eterno, desde a eternidade o mesmo Deus imutável"* (*Doutrina e Convênios*, 20.17-18).

*"O mesmo imutável Deus, arquiteto do céu e da terra... deu-lhes mandamentos para que o amassem e servissem a ele, o único Deus vivo e verdadeiro"* (*Doutrina e Convênios*, 20.19).

Agora note-se, por contraste, o conceito de Deus conforme declarado nas secções finais de *Doutrina e Convênios*. As edições de Utah de *Doutrina e Convênios* contêm apenas uns poucos itens posteriores à morte de Smith. A edição Reorganizada é que continuou apresentando acréscimos. Lemos:

*"O Pai tem corpo de carne e ossos, tão tangível quanto o do homem, e o Filho também"* (*Doutrina e Convênios*, 130.22, edições de Utah).

*"Então eles serão deuses, porque eles têm todo o poder, e os anjos lhes são sujeitos"* (*Doutrina e Convênios*, 132.20, edições de Utah).

Quando Joseph Smith preparou *Pérola de Grande Valor*, tinha começado o estudo do hebraico. Não chegou a dominá-lo, porém adquiriu o suficiente para temperar seus escritos e discursos com alusões.

Ficou sabendo que o termo Elohim, pelo qual Deus nos é apresentado em Gênesis 1, é a forma plural e que foi usado por escritores posteriores e por escritores não bíblicos para exprimir a ideia de muitos deuses. Lançou mão desse fato como documentação final que servisse de base para sua doutrina da "pluralidade de deuses." No "Livro de Abraão" (*Pérola de Grande Valor*) emprega o termo 'os Deuses' para traduzir o hebraico Elohim em sua paráfrase de Gênesis 1.

O passo final para baixo no teísmo de Smith está bem expresso em seu Discurso no enterro do ancião King Follett, proferido em abril de 1844, dois meses antes de sua morte às mãos de uma turba em Carthage, Estado de Illinois.

A Igreja Reorganizada, em sua tentativa para desfazer-se da doutrina do Deus-Adão que afirma rejeitar, tem procurado desacreditar o referido Discurso. Asseveram que foi fabricado pelos seguidores de Brigham Young. Seu caso é um tanto fraco, pois o Discurso foi proferido perante um auditório de 20.000 e foi registrado por quatro escribas: Willard Richards, Wilford Woodruff, Thomas Bullock e William Clayton. O sermão foi proferido em abril de 1844. Smith foi assassinado em 27 de junho de 1844, e o Discurso King Follett foi publicado em 1 de agosto de 1844, na edição de *Times and Seasons*.

Levando-se em consideração o resultante caos após a morte de Smith, é incrível que o concílio dos doze tivesse tempo ou mesmo a inclinação para fabricar semelhante documento que nada tinha a ver com os estupendos problemas com que se defrontavam naqueles dias.

Os teólogos mórmons têm usado o Discurso King Follett como sendo a última palavra de Smith sobre as doutrinas de Deus e o homem. Os seguintes excertos do Discurso falam por si. O exemplar do *Discurso* que possuímos é reimpressão autêntica pela Magazine Printing Company,

Salt Lake City, Estado de Utah, e foi adquirido por este escritor na Livraria Zion na referida cidade em outubro de 1955.

*“Vou inquirir a respeito de DEUS: pois quero que todos vós o conheçais e com ele tenhais intimidade... Reportar-me-ei aos princípios antes de haver mundo, a fim de vos mostrar que espécie de ser é Deus.*

*Deus era, uma vez, o que somos agora: ele é um homem exaltado e senta-se entronizado lá nos céus... Afirmo, se vós o vísseis hoje, ve-lo-íeis em forma como homem – como vós mesmos em toda a pessoa, imagem e própria forma de homem. Vou contar-vos como Deus chegou a ser Deus. Nós temos imaginado e suposto que Deus era Deus desde toda a eternidade. Eu refutarei essa ideia e removerei o véu, para que enxergueis.*

*É o primeiro princípio do evangelho saber-se com certeza o caráter de Deus e saber que podemos conversar com ele como um homem conversa com outro, e que ele era uma vez homem como nós; sim, que o próprio Deus, o pai de todos nós, habitou sobre uma terra, tal como Jesus Cristo o fez.*

*Que foi que Jesus disse? As Escrituras informam-nos que Jesus disse: “como o Pai tem poder para si, assim também o Filho tem poder” ...para fazer o que? Ora, o que o Pai fazia. A resposta óbvia é: de algum modo depor seu corpo e de novo assumi-lo. Aqui, pois, está a vida eterna: conhecer o único sábio e verdadeiro Deus; e vós precisais aprender como vos tornardes deuses, vós mesmos, e serdes rei e sacerdotes para Deus, tal como todos os deuses que vos precederam, a saber, prossequindo de um pequeno grau a outro, e de uma pequena capacidade para uma grande; de graça em graça, de exaltação em exaltação, até alcançardes a ressurreição dos mortos e poderdes habitar nos ardores eternos (!), e sentardes em glória, como o fazem aqueles que se sentam entronizados em poder sempiterno”. (King Follett Discourse, p.8-10).*

Muitos dos apóstolos de Joseph Smith, principalmente aqueles que seguiram a Brigham Young para o Estado de Utah, têm escrito e feito conferências sobre o conceito de Smith a respeito de Deus, e, embora esses não sejam considerados "inspirados" pela Igreja, são tidos por credenciados. Muito se tem escrito para confirmar as doutrinas de Smith pelos diversos presidentes da Igreja. A presidência da Igreja dos Mórmons traz consigo o poder de receber "revelações" com tanta autoridade quanto os romanistas alegam do papa quando ele fala *ex cathedra*, de modo que podemos tomar essas declarações como sendo os ensinamentos autorizados dos mórmons. Eis algumas amostras:

*“Pergunta: Existe mais do que um Deus? Resposta: Sim, existem muitos” (Ancião John Jacques, Catechism, 14.13).*

*“No princípio, o chefe dos deuses convocou um concílio dos deuses; e eles se reuniram e engendraram um plano para criar o mundo e povoá-lo” (Joseph Smith, Journal of Discourses, vol. VI, p.5).*

*“Lembra-vos de que Deus, nosso Pai celestial, foi talvez uma vez uma criança, e mortal como nós somos, e elevou-se passo a passo na escala do progresso, na escola da promoção; vem progredindo e vencendo até chegar ao ponto em que agora se acha” (Orson Hyde, Journal of Discourse, vol. I, p.123).*

*“Os profetas mórmons têm ensinado continuamente a sublime verdade que DEUS, o Eterno Pai, foi uma vez um homem mortal que passou por uma escola terrestre semelhante àquela pela qual nós estamos passando. Ele se tornou Deus: um ser exaltado” (Milton R. Hunter, Gospel Through the Ages, p.104).*

*"O mormonismo não tem a tendência de rebaixar Deus ao nível do homem, mas de exaltar o homem à perfeição de Deus"* (Charles W. Penrose, *Millennial Star*, vol. 23, p.181).

Essa última declaração seria sem dúvida do inteiro agrado de Satanás, que primeiro criou essa ideia no Jardim do Éden, dizendo à mulher: *"Vós sereis como deuses"* (Gênesis 3.5).

A palavra mais blasfema de todas, provavelmente, e que alguns apologistas posteriores têm procurado abrandar, é esta expressão de Brigham Young:

*"Ouvi-o agora, ó habitantes da terra, judeus e gentios, santos e pecadores. Quando nosso pai, Adão, chegou ao Jardim do Éden, veio com corpo celeste, trazendo consigo a Eva, uma de suas esposas. Ele ajudou a fazer e organizar este mundo. Ele é Miguel, o arcanjo, o Ancião de Dias, a cujo respeito homens santos têm escrito e falado. Ele é nosso Pai e nosso Deus, e o único Deus com quem temos de tratar"* (Brigham Young, *Journal of Discourses*, vol. I, p. 50).

Nessa ocasião Young sem dúvida sentiu-se em terreno seguro, uma vez que essa declaração não passa de comentário das próprias palavras de Smith expressas na Secção 27 de *Doutrina e Convênios*: *"E também Miguel, ou Adão, o Pai de todos, príncipe de todos, o Ancião de Dias"*.

Está mais do que evidente que o conceito de Deus por parte de Joseph Smith e seus discípulos tem seguido os moldes da degeneração do conceito gentio de Deus, conforme esboçado por Paulo em Romanos 1.21-26. Essa deterioração na doutrina acompanha moldes correspondentes de degeneração moral. Pode-se notar que nenhum sistema religioso prevê um deus de estatura maior do que as práticas morais de seus adeptos. Não dizemos que o mormonismo tenha descido até o último grau da escala de Paulo, porém afirmamos que se discernem vários passos de declínio.

1 — Note-se o que Paulo diz: *"Tendo conhecimento de Deus"* — que é a situação original da humanidade em sua apreciação correta da natureza de Deus — *"não o glorificaram como Deus"*.

2 — *"Tornaram-se nulos em seus próprios raciocínios"*. Essa é a primeira sugestão de igualdade entre o pensamento do homem e o de Deus.

3 — *"Obscureceu-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos"*.

4 — *"Mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível"* — é o aparecimento do deus antropomórfico.

5 — *"Deus entregou tais homens à imundícia"*.

Não estamos dizendo que as práticas polígamas dos mórmons estejam no mesmo nível de baixeza das perversões sexuais descritas por Paulo, e praticadas pelos idólatras do paganismo. O que afirmamos é que sua poligamia é ensinada como tendo sentido religioso. O culto ao sexo, tal como se encontrava no baalismo, é apenas mais um passo na escala da deterioração.

Na história das religiões dos homens, pode-se notar sempre que três feições se desenvolvem quase simultaneamente: 1) a noção de um deus antropomórfico; 2) a divinização do homem, e — 3) o desenvolvimento de irregularidades sexuais, geralmente a título de atos de culto. É o que Paulo diz na carta aos Romanos, e é a situação do teísmo mórmon.

Os mórmons têm todo o direito de cultuar semelhante deus se assim quiserem; porém, repetimos: Não é o Deus da Bíblia.

## CAPÍTULO TRÊS OS MÓRMONS E A SANTÍSSIMA TRINDADE

O tópico de abertura da declaração de fé dos mórmons afirma: *“Cremos em Deus o Pai eterno e em seu filho Jesus Cristo e no Espírito Santo”*. Superficialmente parece ser uma declaração trinitariana e satisfatória. Será, porém, que devemos presumir que seja esse o sentido mórmon da declaração?

Os mórmons não crêem em uma divindade trina. Sua declaração de fé, se é que reflete alguma coisa de sua crença, abre a porta primeiramente para três deuses distintos, no que diverge completamente da fé cristã ortodoxa em um Deus trino. Há abundância de comentários que revelam que não estamos expondo mal o seu caso. Essas mesmas declarações demonstram também que o ensino mórmon de um deus antropomórfico é padrão de seu modo de pensar.

A primeira visão alegada por Joseph Smith revela esse fato. Eis as circunstâncias que precederam a recepção-da visão. Diz Smith:

*“Havia no lugar onde morávamos uma agitação incomum em matéria de religião... Toda a redondeza, ao que parece, ressentia essa agitação, e grandes multidões uniam-se aos vários partidos religiosos, o que causou grande reboliço e divisão entre o povo. Uns gritavam: “Eis aqui!” e outros: “Eis acolá!” Uns contendiam pela fé metodista, outros pela presbiteriana, outros ainda pela batista... Eu na ocasião estava com quinze anos incompletos. A família de meu pai foi levada pelo proselitismo da fé presbiteriana.*

*Durante esse tempo, meus pensamentos foram despertados por sérias reflexões e grande inquietação; contudo, embora meus sentimentos fossem profundos e muitas vezes aflitivos, conservei-me alheio a todos esses grupos, ainda que assistisse às suas diversas reuniões. Inclina-me até certo ponto à seita metodista e senti algum desejo de unir-me a eles; porém era tão grande a confusão e contenda entre as diferentes denominações, que era impossível a um jovem da minha idade chegar a uma conclusão certa quanto a quem estava certo e quem errado.*

*Enquanto eu laborava sob as extremas dificuldades causadas pelas contendas desses partidos de religiosos, li um dia a Epístola de Tiago, primeiro capítulo, verso cinco, que diz: “Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida”.*

*Jamais alguma passagem da escritura veio com maior poder... pareceu entrar com grande força em cada sentimento de meu coração... Por fim cheguei à conclusão de que, ou eu havia de permanecer em trevas e confusão, ou havia de fazer como Tiago recomenda. Então, de acordo com isso, retirei-me ao bosque para fazer a tentativa... Tendo-me retirado ao lugar a que anteriormente pretendia ir, olhado em redor e me achado a sós, ajoelhei-me e comecei a oferecer a Deus os desejos de meu coração.*

*Apoderou-se de mim algum poder que me sujeitou completamente. Teve sobre mim influência tão assombrosa que me prendeu a língua de modo que eu não pude falar. Muitas trevas me cercaram, e durante algum tempo me parecia que eu estava destinado a súbita destruição.*

*Mas, exercendo todas as minhas forças para invocar a Deus para que me libertasse do poder desse inimigo que se apoderara de mim, e no momento exato em que eu estava pronto a desesperar e a me abandonar à destruição — não a uma ruína*

*imaginária, mas ao poder igual a que eu jamais sentira em qualquer ser — justamente nesse momento de grande alarme, vi uma coluna de luz exatamente sobre minha cabeça, mais brilhante que o sol, a qual desceu aos poucos até cair sobre mim.*

*Assim que apareceu, senti-me liberto do inimigo que me prendia. Quando a luz pousou sobre mim, via dois personagens, cujo brilho e glória excediam a toda descrição, eretos, no ar, por cima de mim. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome e disse, apontando o outro: "Este é meu filho amado, ouve-o" (Pérola de Grande Valor, p.84-85).*

Smith não fez menção dessa visão senão vários anos depois de sua suposta ocorrência. Há quem argumenta que Joseph nunca teve tal visão, mas que a concebeu a fim de substanciar sua teologia posterior. Reconhecemos a lógica de quem assim argumenta, uma vez que há nos escritos de Joseph muita evidência de revelações *ex post facto*. Minha própria opinião é que, se essa primeira visão está corretamente registrada, corresponde ao método pelo qual Satanás pode transformar-se em anjo de luz.

Alguém poderá levantar a questão: "Será que uma pessoa que estivesse pedindo luz, conforme Joseph afirma ter feito, receberia por resposta um arrebatamento e visão satânicos?" Nós responderíamos que o Espírito de Deus fala através da Palavra de Deus sempre que o interessado tem acesso a ela. Uma vez que Joseph Smith buscou luz fora da Palavra de Deus, teve por resposta uma revelação que não se coaduna com a Palavra de Deus. O Espírito de Deus fala pela Palavra de Deus.

Se Joseph Smith tivesse continuado sua leitura até Tiago 1.18, ele teria recebido uma autêntica revelação do processo divino da salvação. Esse texto declara: *"Segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade"*.

Um apologista de Smith, de nome John Henry Evans, retruca que era inútil um menino de quatorze anos esperar auxílio pelo estudo da Bíblia (John Henry Evans, *An American Prophet*, p.345) Essa conclusão é evidentemente incoerente, uma vez que os próprios mórmons consideram a pessoa com idade de responsabilidade suficiente para receber o batismo com oito anos, e para assumir o ofício de diácono com quatorze. A revelação que serve de comentário à natureza dessa primeira visão de Smith reza como segue:

*"O Pai tem um corpo de carne e ossos tão tangível quanto o do homem; o Filho também, mas o Espírito Santo não tem corpo de carne e ossos, porém é personagem de espírito. Se não fosse assim, o Espírito Santo não podia habitar em nós" (Doutrina e Convênios, 130.22).*

J. E. Talmage, um dos mais preeminentes dos expositores posteriores dos mórmons, faz vários comentários sobre a ideia mórmon da Trindade, em contradição à ideia cristã. Diz ele:

*"Três pessoas que compõem o grande concílio presidente revelaram-se ao homem: 1) Deus o eterno Pai; 2) Seu filho Jesus Cristo, e 3) o Espírito Santo. Essas três pessoas são individual e fisicamente distintas umas das outras" (James E. Talmage, Artigos de Fé, p.39).*

Não existe, provavelmente, documento maior na expressão da doutrina da Trindade, do que aquele que é formulado no Credo Niceno. Pois bem: dele escreve J. E. Talmage: *"Seria difícil conceber maior número de incoerências e contradições expressas em tão poucas palavras" (James E. Talmage, Artigos de Fé, p.48).*

Esse mesmo autor, comentando a declaração mais simples contida na confissão de fé da Igreja Anglicana, assim se expressa: *"A imateriabilidade de Deus, conforme é asseverada nessas declarações de fé sectárias, está em absoluto desacordo com as escrituras e é completamente*



*contrariado pelas revelações da pessoa e dos atributos de Deus. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias proclama contra o incompreensível Deus sem corpo, partes ou paixões, como coisa impossível de existir, e assevera sua crença no Deus verdadeiro e vivo da escritura e das revelações, votando a ele sua fidelidade" (James E. Talmage, Artigos de Fé, p.48).*

Um dos mais célebres dos teólogos mórmons foi Parley P. Pratt. Sua maior obra é sua *Chave da Ciência da Teologia*. Os mórmons não põem em dúvida os escritos de Pratt. Um de seus comentários sobre a doutrina da Trindade é como segue:

*"Entre essas teorias (as doutrinas da igreja cristã) observaremos uma que é, talvez, recebida mais largamente pelas várias seitas do que qualquer outra. A linguagem reza assim: "Há um único Deus vivo e verdadeiro, sem corpo, partes ou paixões; consiste de três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo".*

*É doloroso para a mente humana ser obrigada a admitir que tão maravilhosas incoerências de linguagem ou ideias tenham jamais encontrado lugar em credo humano... Não passa de outra maneira de dizer que há um Deus que não existe, um Deus que é composto do nada, que é a negação de toda a existência, que não ocupa nenhum espaço, que não existe em nenhum tempo e que não é composto de nenhuma substância. Tal Deus jamais poderia ser visto, ouvido ou sentido por qualquer ser no universo" (Parley P. Pratt, Chave da Ciência e da Teologia, p.28-29).*

Evidentemente Pratt e os mórmons excluíram a possibilidade de se pensar além do reino do que é físico e visível. Pratt demonstra isso ao prosseguir:

*"Jamais houve ídolo visível, cultuado entre os homens e que fosse tão destituído de poder como esse "Deus sem corpo, paixões ou partes." O Deus do Egito, o crocodilo, tinha poder para destruir. O Deus peruviano, o sol, podia difundir seu genial calor, luz e influência" (Parley P. Pratt, Chave da Ciência e da Teologia, p.28-29).*

Assim Pratt atribui ao deus do sol e ao crocodilo do Egito lugar mais elevado que à eterna Trindade da Bíblia. Pratt comenta ainda a natureza do Pai e do Filho. Diz ele:

*"Jesus Cristo e seu Pai são duas pessoas, no mesmo sentido em que João e Pedro são duas pessoas. Cada qual possui um tabernáculo organizado e individual, incorporado em forma material e composto de substâncias materiais na semelhança do homem, e possuindo todo órgão, limite e parte física que o homem possui" (9)*

Pratt não comenta nessa altura a relação do Espírito Santo na Trindade. Suas teorias a esse respeito serão discutidas em capítulo posterior.

## CAPITULO QUATRO OS MÓRMONS E JESUS CRISTO

*"Que pensais de Cristo?" é ainda o teste supremo do Cristianismo ortodoxo. O Senhor aceitou a confissão de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", e sobre a base dessa confissão levantou a estrutura da Igreja" (Mateus 16.13-18).*

O Espírito Santo inspirou o discípulo amado a escrever as palavras que declaram, em termos inequívocos, os fatos da eterna divindade de nosso Senhor. O Evangelho de João apresenta-o como a Palavra de Deus, co-igual e coeterno com o Pai, e como Aquele por cujo intermédio todas as coisas foram criadas (João 1.1-3). O mesmo Evangelho apresenta o fato da Encarnação como sendo o passo mediante o qual a Divindade assumiu o véu da carne humana, a fim de que Ele revelasse a mesma Divindade em termos ao alcance da compreensão humana.

Tendo feito isso, Ele ofereceu-se como o Substituto único pelo homem perdido, que seria aceitável para a redenção do homem diante de Deus (João 1.9-14). O próprio Jesus proclamava sua divindade.

Falando aos judeus no Templo, Ele afirmou ser o Eterno que existia antes de Abraão, dizendo: *"Antes que Abraão existisse, Eu sou"* (grego: *ego eimi*) (João 8.56-58). Empregando essa forma do verbo *ser*, Ele se identifica com Aquele que se revelou a Moisés como sendo o que existe por si. Foi quem instruiu a Moisés, quando Ihe apareceu na sarça ardente, para que dissesse ao povo israelita: *"EU SOU me enviou a vós outros"* (Êxodo 3.14). Assim, Aquele que falou aos judeus na festa dos tabernáculos foi o mesmo que falou com Moisés e se identificou como o Eterno, ou seja, Jeová.

Quando discorreu no cenáculo, Jesus identificou-se como sendo Um com o Pai. Disse: *"Quem me vê a mim, vê o Pai"* (João 14.7-11) Em sua grande oração sacerdotal Jesus alegou preexistência e co-igualdade com o Pai ao dizer: *"Glorifica-me, ó Pai, com a glória que Eu tive junto de ti antes que houvesse mundo"* (João 17.5).

Ao declarar a razão de ter escrito seu Evangelho, João afirma: *"Estes (sinais) foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome"* (João 20.31).

Com referência à varonilidade de Jesus, a Bíblia declara que Ele foi gerado pelo Espírito Santo e nascido de mãe virgem (Mateus 1.20-21; Lucas 1.35). A Bíblia ensina sua impecabilidade, afirmando que Ele *"não cometeu pecado"* (1Pedro 2.22) *"não conheceu pecado"* (2Coríntios 5.21) e *"nele não existe pecado"* (1João 3.5).

A Bíblia ensina que sua morte foi voluntária. Jesus declarou: *"Eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la"* (João 10.17-18).

A Bíblia ensina que Jesus ressurgiu dentre os mortos sem ver a corrupção (Atos 2.27; 13.35-37). Ensina que Ele ressuscitou fisicamente. Ensina que sua ressurreição é a evidência da validade de sua obra de redenção, e que somente através de sua ressurreição é que se nos garante a salvação da pena do pecado (1Coríntios 15.1-14; Romanos 4.25).

Nós não hesitamos em afirmar que em cada uma dessas asserções Jesus Cristo é único. Afirmamos mais, que cada uma dessas verdades é vital e central nos ensinamentos do Cristianismo ortodoxo.

De um modo ou de outro, os mórmons negam todas essas proposições. Negam que *"a Palavra"* (o Verbo), que se fez carne, fosse único em sua eternidade e co-igualdade com Deus, fazendo dele apenas um dos espíritos de homens, deuses e demônios que existiram co-igual e coeternamente com Deus.

As seguintes declarações, colhidas entre muitas, serão suficientes para documentar a posição dos mórmons:

*"O homem é um espírito revestido de um tabernáculo, cuja parte inteligente nunca foi criada ou constituída, mas existe eternamente — o homem também estava no princípio com Deus"* (J. F. Smith, *Progress of Man*, p. 9-11).

*"Ele (o homem) existia antes de vir para a terra: Ele estava com Deus "no princípio." O destino do homem é divino. O homem é um ser eterno. Ele também é "de eternidade a eternidade"* (John A. Widtsoe, *Varieties of American Religion*, p. 132).

*"Jesus Cristo não é o pai dos espíritos que tomaram ou tomarão corpos para si, pois Ele mesmo é um deles. Ele é o filho e eles são os filhos e filhas de Elohim"* (James E. Talmage, p.473).

“Temos uma sucessão de deuses desde Adão até Cristo (seu filho) e seus apóstolos pelo menos todos os homens, inclusive Jesus Cristo, sendo a imagem de seu pai (dele), e possuindo conhecimento semelhante do bem e do mal” (Richards, *Millennial Star*, 17.195-6).

*“Se eu puder passar adiante do Irmão Joseph, terei boas possibilidades de passar adiante de Pedro, Jesus e os profetas”* (Young, *Journal of Discourses*, p.271).

*“Quanto ao Diabo e aos espíritos seus companheiros, são irmãos do homem e também de Jesus e filhos e filhas de DEUS, no mesmo sentido em que nós o somos”* (John Henry Evans, *An American Prophet*, p.241).

*“Nada há de impróprio em falar de Jesus Cristo como irmão mais velho do restante da espécie humana”* (James E. Talmage, *Artigos de Fé*, p.473).

Os mórmons ensinam que Jesus foi o filho naturalmente nascido de Adão e Maria:

*“Quando a Virgem Maria concebeu o menino Jesus ele não foi gerado pelo Espírito Santo. E quem é seu pai? Ele é o primeiro da família humana”* (Young, *Journal of Discourses*, p.50-51).

*“Jesus, nosso irmão mais velho, foi gerado na carne pelo mesmo personagem que esteve no Jardim do Éden”* (Young, *Journal of Discourses*, p.50-51).

Os mórmons crêem que Jesus não era singular em seu nascimento, sua meninice ou varonilidade.

Jesus Cristo, criancinha como todos nós, cresceu e tornou-se adulto, foi cheio de uma substância divina ou um fluido divino, chamado o Espírito Santo, pelo qual ele compreendia e falava a verdade. (25)

Os mórmons nada mais vêem na vida de Jesus do que em qualquer de nós. O ancião B. H. Roberts, em uma nota no *Discurso King Follett* de Joseph Smith, cita Sir Oliver Lodge como autoridade no assunto:

*“Sua humanidade deve ser reconhecida como real e comum — tudo que lhe aconteceu pode acontecer a qualquer de nós. A divindade de Jesus e a divindade de todas as demais almas nobres e majestosas, até onde elas também têm sido influenciadas por uma centelha de Deus, podem ser reconhecidas como manifestações do Divino”* (King Follett Discourse, p.11).

Os mórmons não vêem singularidade na ressurreição de Jesus Cristo, a não ser no fato de ter ela precedido outras ressurreições. Nada tem a ver com nossa salvação ou justificação. Pratt, em sua *Chave da Ciência da Teologia*, afirma:

*“Todo homem que fôr finalmente aperfeiçoado por uma plenitude da glória celestial, se tornará como eles (o Pai e o filho) em todos os sentidos: fisicamente, no intelecto, nos atributos e poderes”* (Pratt, *Chave da Ciência da Teologia*, p.32).

Os mórmons ensinam que o homem não é salvo pela obra redentora de Cristo nem pelo derramamento de seu sangue no Calvário. Crêem antes que:

*“Os próprios germens desses atributos divinos (do Pai e filho), sendo produzidos no homem, geração da divindade, apenas precisam ser cultivados, melhorados, desenvolvidos e elevados através de uma série de mudanças, a fim de chegar à fonte, ao padrão, ao clímax da Divina Humanidade”* (Pratt, *Chave da Ciência da Teologia*, p.32).

Os mórmons crêem que Jesus Cristo foi polígamo. Não há por onde escapar disso. Todo o sistema do progresso mórmon na vida vindoura se baseia na confirmação, por selo, de casamentos na vida presente. Os solteiros, e os casais cujos casamentos não recebem o selo

dos dotes do templo, se transformam em anjos. Os que são selados para a eternidade se tornam deuses (*Doutrina e Convênios*, 132).

Segundo a doutrina dos mórmons (John Henry Evans, *An American Prophet*, p.241), Jesus Cristo, antes de sua encarnação, não era mais divino do que qualquer de nós. Assim, de acordo com a lógica dos mórmons, se Jesus não foi casado durante sua vida terrena, não podia elevar-se a mais do que um anjo na vida vindoura.

Os mórmons afirmam categoricamente que Jesus se casou em Caná da Galileia. Diz Orson Hyde:

*“Se, nas bodas em Caná da Galileia, Jesus foi o noivo e tomou a si Maria, Marta e a outra Maria, isso não nos choca os nervos. Se não houve apego e familiaridade entre nosso Salvador e essas mulheres — altamente correto só na relação de marido e mulher, então nós não temos senso do que é correto”* (31)

Mais tarde, falando sobre esse mesmo assunto, Hyde afirma:

*“Se ele nunca se casou, sua intimidade com Maria e Marta e com a outra Maria também, a quem Jesus amava, há de ter sido altamente imprópria e incorreta, para não dizer mais”* (Orson Hyde, *Journal of Discourses*, vol. IV, p.259).

Os mórmons ensinam que, antes de sua crucificação, Jesus tinha filhos. É claro que isso segue na linha de raciocínio dos mórmons, pois de outro modo Jesus não podia alcançar a exaltação completa na vida vindoura. Sobre esse ponto ensina Hyde:

*“Ter-se-ia Jesus multiplicado e visto sua semente? Conheceu Ele a lei de seu Pai cumprindo-a ou não? Façam os outros o que bem entenderem, mas eu não acusarei nosso Salvador de negligência ou de transgressão, desse ou de qualquer outro dever”* (Orson Hyde, *Journal of Discourses*, vol. IV, p.259).

Em outro sermão, Hyde prossegue:

*“Nós dizemos que foi Jesus Cristo que era casado pelo que Ele podia ver a sua semente antes de ser crucificado. Eu direi aqui que o Salvador, antes de morrer, contemplou seus próprios filhos pela carne como nós contemplamos os nossos. Quando Maria veio ao sepulcro, ela viu dois anjos e lhes disse: “levaram meu Senhor ou marido”* (Orson Hyde, *Journal of Discourses*, vol. IV, p.259).

Os mórmons usam o nome de Jesus Cristo no título da Igreja deles, porém qualquer cristão de discernimento perceberá logo que não se trata do Jesus Cristo a quem nós adoramos como Filho eterno de Deus, o qual morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras. O Cristo deles não é esse de quem Pedro declarou: *“E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”* (Atos 4.12).

Nem tampouco é deles o Salvador de quem Paulo afirmou: *“o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação. Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Romanos 4.25 e 5.1).

## CAPÍTULO CINCO

### OS MÓRMONS E O ESPÍRITO SANTO

Nenhum aspecto da doutrina cristã requer estudo mais cuidadoso e maior discernimento do que o assunto da Pessoa e obra do Espírito Santo.

O pecado que não será perdoado, no exemplo em que o Senhor Jesus ensinou sobre o assunto, é especificamente a blasfêmia contra o Espírito Santo. No caso em apreço, os críticos do Salvador diziam que Ele expulsava demônios pelo poder de Belzebu. Isso, no dizer de Jesus, era blasfêmia contra o Espírito Santo (Mateus 12.21-32).

A fim de estabelecer um padrão de confronto pelo qual possamos avaliar o conceito dos mórmons, faremos a seguinte declaração que, segundo nos parece, contentará a todo cristão realmente ortodoxo.

1. O Espírito Santo é identificado nas Escrituras como possuidor de personalidade distinta e não como mera "influência".

- a) Faz-se referência ao Espírito Santo na terceira pessoa, no gênero masculino singular 'Ele' etc. (João 14.17; 15.26; 16.24).
- b) Ananias mentiu ao Espírito Santo (Atos 5.3-4). Ora, não se pode mentir a uma influência.
- c) O Espírito Santo deu ordem para a separação de Barnabé e Saulo (Atos 13.2). Uma influência não podia fazer isso.

2. O Espírito Santo é identificado, em sua relação com a Trindade, como co-igual e coeterno com o Pai e o Filho (Gênesis 1.1-26; 11.7; Isaías 6.8; 48.13-16; Mateus 3.16; 28.19; João 15.26; II Coríntios 13.14; Efésios 2.18; Hebreus 9.14; I João 5.7).

3. O Espírito Santo é identificado como possuidor dos atributos da Divindade, a saber:

- a) Eternidade — Hebreus 9.14;
- b) Onipotência — Salmo 104.30;
- c) Onipresença — Salmo 139.7;
- d) Onisciência — Isaías 40.13; I Coríntios 2.10-11.

4. Quanto à obra ou ministério do Espírito Santo, a Bíblia indica o seguinte:

- a) O Espírito Santo é o autor da Palavra de Deus (II Pedro 1.21; II Timóteo 3.16);
- b) O Espírito Santo é o "arquiteto" do universo (Gênesis 1.2-3,26; Jó 26.13; Salmo 104.30);
- c) O Espírito Santo é o agente da Trindade nos tratos de Deus com o homem:
  - Em Gênesis 6.3, Ele age no homem;
  - Em Jó 32.8, dá entendimento;
  - Em Êxodo 31.2-5, proporciona habilidade;
  - Em Juízes 14.6, dá vigor físico;
  - Em Números 11.25; Juízes 11.29; II Pedro 1.21; ISamuel 23.2 Ele comissiona os servos de DEUS.
- d) O Espírito Santo é o autor do novo nascimento:
  - Em João 16.7-14, Ele convence e esclarece a respeito do pecado, da justiça e do juízo;
  - Em João 3.5-6, Ele outorga a nova vida;

- Em Efésios 1.13-14, Ele sela os crentes;
  - Em I Coríntios 12.3, Ele batiza os crentes em um Corpo — a Igreja.
- e) O Espírito Santo atua e comissiona os crentes individualmente ou, na qualidade de igreja, coletivamente:
- Em João 14.17; Romanos 8.9-11 habita neles;
  - Em João 14.26; 16.13; Romanos 8.14; I João 2.20-27 Ele instrui;
  - Em Romanos 8.26-27, intercede entre o homem e o Pai em matéria de intercessão e súplica;
  - Em Romanos 8.4, capacita o crente a viver a vida da fé;
  - O Espírito Santo é o encarregado da Igreja enquanto está neste mundo e até a chamada do Corpo de Cristo (João 14.16; II Tessalonicenses 2.16-17; Apocalipse 22.17).

Poderíamos continuar sem fim esboçando os diversos aspectos da Pessoa e obra do Espírito Santo, mas o que vai acima é suficiente para o confronto dos conceitos cristão e dos mórmons. Examinemos agora o ponto de vista dos mórmons.

O primeiro item da declaração doutrinária dos mórmons afirma simplesmente: *"Cremos em Deus o Eterno Pai, em seu Filho Jesus Cristo e no Espírito Santo"*. Isso pode significar tudo. Em *Doutrina e Convênios*, lemos o seguinte: *"O Pai tem corpo de carne e ossos, tão palpável quanto do homem, e o Filho também: mas o Espírito Santo não tem corpo de carne e ossos, pois é personagem de espírito"* (*Doutrina e Convênios* 130.22).

Alguns dos expositores entre os mórmons tinham convicções variáveis sobre a identidade do Espírito Santo como Pessoa, o que se vê nos seus escritos. Orson Pratt comenta:

*"Sou inclinado a pensar, através de algumas coisas nas revelações, que exista um ser pessoal como seja um Espírito Santo pessoal, porém não está demonstrado como fato positivo, e o Senhor nunca me deu nenhuma revelação sobre o assunto; por conseguinte não posso chegar a uma conclusão definida"* (Orson Pratt, *Journal of Discourses*, vol. II).

O conceito de Orson Pratt, em suas expressões posteriores, veio a conformar-se com o de seus contemporâneos. Uma de suas declarações ulteriores reza assim:

*"Duas pessoas não podem receber a um só tempo as mesmas partículas exatas desse espírito: portanto, uma parte do Espírito Santo repousará sobre um homem e outra parte sobre outro"* (Orson Pratt, *Absurdities of Materialism* (panfleto) p.24).

Os mórmons sempre se referem ao Espírito Santo, em inglês, com o pronome neutro (ou seja, como sendo uma coisa e não uma pessoa), e da maneira mais casual. Ouvi um sacerdote mórmon de Melquisedeque comentar que Satanás faz uso do Espírito Santo, usando o poder dessa "coisa" de modo perverso. Parley Pratt, irmão de Orson, expressa o assunto de modo que reflete o pensamento dos doutrinadores dos mórmons. É aceito por todo mórmon como ensino ortodoxo. Parley Pratt diz:

*"Esta substância, como todas as demais, é um dos elementos da existência material ou física e, portanto, sujeita às leis indispensáveis que governam toda a matéria. Como todas as demais matérias, seu todo é composto de partículas individuais. À mesma semelhança, cada partícula ocupa espaço, possui a faculdade do movimento, precisa de tempo para locomover-se de um lugar a outro e de modo algum pode ocupar dois espaços ao mesmo tempo. Nessas particulares, em nada difere de toda a outra matéria. Penetra os poros das substâncias mais sólidas, penetra o organismo humano até o mais recôndito, discerne os pensamentos e intentos do coração. Tem a faculdade de locomover-se através do espaço com*

*velocidade inconcebível, muito em excesso dos movimentos lentos da eletricidade ou da luz física. Compreende passado, presente e futuro em toda sua plenitude. É dotado de conhecimento, sabedoria, verdade, amor, caridade, justiça e misericórdia em todas as suas ramificações”* (Parley P. Pratt, *Key to the Science of Theology*, p.39-40).

Os mórmons negam que o Senhor Jesus tenha sido concebido no ventre da Virgem Maria pelo Espírito Santo. Joseph Smith lançou os fundamentos dessa doutrina quando estabeleceu Adão como divindade (*Doutrina e Convênios*, 27.11; 78.16; 107.54 e 116.1).

Brigham Young segue logicamente ao declarar:

*“Quando a Virgem Maria concebeu o menino Jesus, o Pai o tinha gerado à sua própria semelhança. Não foi gerado pelo Espírito Santo. Quem então é seu pai? É o primeiro da família humana — lembrai-vos, pois, de agora em diante e para todo o sempre, que Jesus Cristo não foi gerado pelo Espírito Santo”* (Brigham Young, *Journal of Discourses*, vol. I, p. 50-51).

Que contraste se observa entre as opiniões blasfemas dos mórmons e as declarações cristalinas das Escrituras! O Evangelho de Mateus declara: *“Eis que lhe apareceu em sonho um anjo do Senhor, dizendo: não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo”* (Mateus 1.20).

O Evangelho de Lucas registra: *“Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus”* (Lucas 1.35).

A razão pela qual os mórmons deixam de compreender a verdadeira natureza do Espírito Santo como Pessoa, conquanto totalmente não-física, é o seu conceito da Divindade como sendo composta de Pessoas físicas separadas. Eles raciocinam assim: Se Deus Pai e Jesus Cristo seu Filho são "personagens de carne e ossos", como pode uma Pessoa da Divindade ser puramente espírito e ainda ser uma Pessoa? Assim o Espírito, no modo de pensar deles, há de ser um elemento que é dispensado, em várias qualidades, a cada indivíduo.

Os mórmons não podem aceitar a doutrina cristã da habitação do Espírito de Deus nas pessoas depois de seu novo nascimento e, ao mesmo tempo, na Igreja de Deus. Não podem conceber o Espírito Santo como sendo residente universal nos crentes. Dizem: "Como pode um Espírito Santo pessoal habitar em diferentes pessoas ao mesmo tempo?" (Orson Pratt, *Absurdities of Materialism*). Esse mesmo tipo de raciocínio produz o seu conceito de Deus Pai como não sendo puramente "espírito." Joseph Fielding Smith, comentando a declaração do Senhor Jesus à mulher de Sicar, de que "Deus é espírito" (João 4.24) diz: *"Isso eu não creio"*.

James L. Barker, em *The Divine Church* (A Igreja Divina), com esse mesmo conceito limitado, diz: "A afirmativa de que *"ninguém jamais viu a Deus"* (João 1.18) está em desacordo com outras Escrituras. Ele raciocina que *"em semelhantes casos, ou o texto não veio corretamente até o presente, ou foi incorretamente traduzido"* (James L. Barker, *The Divine Church*, p.9).

O insucesso do pensamento dos mórmons com referência à unidade da Trindade e, ao mesmo tempo, a personalidade do Espírito, deve-se ao fato de deixarem de compreender que nem todas as proposições divinas podem ser confinadas dentro dos limites da expressão humana.

Joseph Smith dá a entender, na *Pérola de Grande Valor*, que uma vez que Deus falava "face a face" com Moisés, então este estava contemplando um personagem físico que possuía olhos físicos! A expressão "face a face" é a figura linguística mais próxima que nossa linguagem fornece para expressar a intimidade de comunhão entre Moisés e Deus! Assim, Joseph Smith

teve que rejeitar a declaração posterior em Êxodo 33.20 "*Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá*" como contradição da declaração anterior: "*o Senhor falava face a face com Moisés*". A única dificuldade aí é a pobreza da linguagem humana, ou antes, a incapacidade de Smith para compreender o significado da linguagem bíblica e dos valores bíblicos.

Joseph Smith e a maioria dos mórmons fazem questão de confinar sua interpretação de determinadas passagens bíblicas dentro dos limites da semântica do inglês da versão de 1611.

## CAPÍTULO SEIS A DOUTRINA DOS MÓRMONS SOBRE O HOMEM

Comparado com Joseph Smith, Satanás foi conservador quando disse a Eva: "*Sereis como deuses*" (Gênesis 3.5) Joseph Smith e seus teólogos omitem o 'como'. Prometem a divindade a todos os fiéis. Smith assim considera o assunto:

*"Tendes que aprender como ser Deuses vós mesmos — tal como todos os Deuses têm feito antes de vós"* (King Follett Discoursse, p.10).

A fim de elevar o homem à categoria de um deus, foi preciso que Smith rebaixasse a estatura de seu deus. Isso ele faz declarando: "*Deus já foi homem como nós*" (King Follett Discoursse, p.9). Dispondo dessa largueza, os teólogos mórmons ampliaram a ideia e desenvolveram seu atual conceito do homem como deus em potencial.

Lorenzo Snow, contemporâneo de Joseph Smith, codificou o ensino de Smith no seguinte aforismo, que já se tornou padrão entre os mestres dos mórmons:

*"Como Deus é, assim pode tornar-se o homem"* (Millennial Star, vol. 54. Milton R. Hunter, *Gospel Through the Ages*, p.105-10).

Outro contemporâneo de Smith, reconhecido pelos mórmons como um de seus maiores teólogos, disse:

*"Lembra-vos de que Deus nosso Pai celestial já foi talvez uma criança e mortal como nós; elevou-se passo a passo na escala do progresso, na escola do aperfeiçoamento; progrediu e venceu até chegar ao ponto onde agora se encontra"* (Orson Hyde, *Journal of Discourses*, vol. I, p. 123).

Tendo assim reduzido a estatura da Divindade à de um super-homem elevado, os ensinadores mórmons não encontraram grande dificuldade em desenvolver uma "doutrina do homem" que coloque o homem no mesmo nível de semelhante Divindade. É escusado dizer que o deus dos mórmons não é o Deus da Bíblia, nem o "homem" dos mórmons a criatura que veio da mão do Deus todo-poderoso e eterno.

A fim de criar semelhante teoria do deus-homem, foi preciso que os mórmons criassem sua própria doutrina de reencarnação. Não que isso seja novidade com eles: apenas mudaram um pouco o palavreado.

Primeiro, ensinam que todos os seres e espíritos humanos, e mesmo Jesus Cristo e Satanás, existiram como espírito desde uma eternidade passada. No nascimento físico, os espíritos recebem corpo no qual possam exercer sua escolha do bem e do mal. Assim a vida presente é um período de experiência. A maneira pela qual é utilizado esse período experimental é que determina completamente a categoria da pessoa na próxima vida após a ressurreição.



A vida vindoura começa onde finda a vida presente. Se tiverem sido satisfatórios todos os feitos e realizações desta vida, e todos os "dotes do templo" tiverem sido cumpridos, então o indivíduo se torna um deus e é tido por competente para prosseguir a criar e povoar mundos seus, e assim *ad infinitum*. Nenhum bom mórmon negará que essa é doutrina mórmon regular. Em todo o caso, prevendo a possibilidade de alguém por em dúvida a exatidão das nossas afirmativas, faremos citações de teólogos mórmons regulares e aprovados.

Joseph Smith preparou o caminho para os ensinadores posteriores dos mórmons quando escreveu de novo a História da Criação. Esse material consta do seu "Livro de Moisés," que é igual ao que está no *Pérola de Grande Valor*, usado pelos mórmons de Salt Lake City, e na *Versão Inspirada* de uso da Igreja Reorganizada. Diz Smith:

*"Pois Eu, o Senhor Deus, criei espiritualmente todas as coisas de que tenho falado, antes de existirem naturalmente sobre a face da terra — pois no céu Eu as criei — e o homem se tornou alma, vivente, a primeira carne sobre a terra — o primeiro homem também; contudo, todas as coisas já estavam criadas anteriormente: porém espiritualmente foram criadas e feitas de acordo com minha palavra"* (*Pérola de Grande Valor, Livro de Moisés, 3.5-7*).

Na mesma obra, Smith apresenta o Senhor que diz a Enoque:

*"Unge teus olhos com barro, lava-os e verás. E ele assim fez. E ele contemplou os espíritos que Deus tinha criado, e contemplou também coisas que não eram visíveis ao olho natural"* (*Pérola de Grande Valor, Livro de Moisés, 3.5-7*).

Alguns meses depois, pelo menos até 1835, Joseph Smith tinha preparado os "capítulos" finais de suas "escrituras". A esses deu o nome de "Livro de Abraão", alegando tê-los traduzido de papiros encontrados sobre uma múmia que comprou de um dono de circo ambulante, Michael N. Chandler (*Handbook of Reference, p.45*).

Havia quatro múmias na coleção. Uma delas, conforme se verificou, era da filha de Faraó (décima-quarta dinastia), outra do Faraó Neco (vigésima-sexta dinastia). Sobre a múmia da filha de Faraó havia papiros que continham a escrita de Abraão (décima-primeira dinastia). Desse papiro da décima-primeira dinastia, encontrado sobre uma múmia da décima-quarta dinastia, a qual fora comprada junto com outra da vigésima-oitava dinastia, foi que Joseph Smith traduziu seu "Livro de Abraão."

Diga-se a favor da Igreja Reorganizada que, quando o embuste foi denunciado por egiptólogos competentes, repudiaram o "Livro de Abraão". O restante do *Pérola de Grande Valor* eles eram obrigados a aceitar uma vez que é a matéria exata encontrada na *Versão Inspirada*. Fica-se a imaginar como eles puderam rejeitar o embuste de Smith sem rejeitar o próprio Smith.

Nesse "Livro de Abraão" lemos (e aqui citamos por extenso):

*"Ora, o Senhor tinha mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de haver mundo; e entre todas havia muitos dos nobres e dos grandes; e Deus viu essas almas que eram boas, e ficou em pé no meio delas e disse; destas farei meus governadores; pois ele estava entre as que eram espíritos e ele viu que eram bons; e ele me disse: Abraão, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres".*

*E estava em pé no meio deles um que era semelhante a Deus [nessa altura uma nota faz referência a uma passagem no "Livro de Moisés" que se refere evidentemente ao Filho de Deus, fazendo dele assim um espírito preciado] e ele disse aos que estavam com ele: desceremos, pois ali há espaço, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde estes possam habitar. E o Senhor disse: quem enviarei? E*

*um respondeu parecido com o Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me. E outro respondeu e disse; Eis-me aqui envia-me. E o Senhor disse: Enviarei o primeiro. E o segundo ficou zangado e não conservou seu primitivo estado, e naquele dia muitos o seguiram”.*

Refere-se isto evidentemente a Satanás, de quem os mórmons fazem um espírito desobediente e espírito irmão de Jesus Cristo. Esse é um de seus textos de prova. Munidos dessa base pseudo-bíblica, os teólogos mórmons puseram-se a trabalhar com afinco para desenvolver a teoria.

Os estudantes da história eclesiástica reconhecerão, à medida que prosseguimos, uma semelhança com os "espíritos precriados" da doutrina de Orígenes e outros. Duvido que Smith tenha ouvido falar de Orígenes e suas heresias, ainda que Rigdon podia conhecer a teoria de Orígenes. Ensinadores subsequentes entre os mórmons de fato usam os escritos de Orígenes para confirmar seus ensinamentos, porém creio que Smith chegou a suas conclusões da mesma forma que Orígenes, tecendo teorias em um campo em que a Bíblia nada diz. Comentando a respeito de semelhantes teorizadores, Lewis Sperry Chafer comenta:

*“Onde Deus não tem falado, há muita largueza para os teólogos preencherem largas porções inteiramente de acordo com seu modo de pensar; mais tarde, no desenvolvimento de seu sistema, sacam de sua própria criação justamente aquilo que prepararam e necessitam”* (Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology*, vol. II, p.169).

É esse precisamente o uso de Smith e de todos os comentaristas mórmons. Seguem-se alguns dos desenvolvimentos da doutrina por parter de escritores mórmons posteriores:

*“Jesus Cristo não é o pai dos espíritos que já tomaram ou ainda tomarão corpos sobre esta terra, pois ele é um deles”* (James E. Almage, *Artigos de Fé*, p.473).

*“Creem os Santos dos Últimos Dias que a terra foi organizada a fim de que personagens de espírito – os filhos espirituais de Deus – tivessem um lugar onde pudessem tomar a si a mortalidade – tomar corpos mortais. Era necessário tornarem-se mortais para poderem aprender do mal e do bem, da tristeza e a alegria. Era necessário tornarem-se mortais a fim de ter multiplicação, filhos para aprenderem os caminhos de Deus e obedecerem suas leis”* (Bardella Shipp Curtis, *Sacred Sciptures and Religious Philosophy*).

Joseph Fielding Smith, um dos mais constantes dos teólogos brighamitas, afirma:

*“A Bíblia ensina-nos que o homem existia na criação dos espíritos antes de aparecer nesta terra com seu corpo físico, porém essa doutrina só se discerne na Bíblia através de uma névoa ou neblina. Essa névoa é criada, conforme registrado por Nephi, porque muitas coisas claras e preciosas têm sido tiradas da Bíblia. A doutrina da pré-existência do homem na criação dos espíritos é ensinada com clareza e energia”* (Joseph Fielding Smith, *The Progress of Man*, p. 9-10).

*“Os Santos dos Últimos Dias creem que o homem é espírito, revestido de um tabernáculo, cuja parte Inteligente nunca foi criada ou feita, mas existe eternamente. Essa crença se baseia em uma revelação concedida à Igreja em 6 de maio de 1833 em Kirtland, Estado de Ohio”* (Joseph Fielding Smith, *The Progress of Man*, p. 11).

A revelação em apreço reza como segue:

*“O homem também estava no princípio com Deus. A Inteligência, ou a luz da verdade, não foi criada nem feita nem mesmo o pode ser... Pois o homem é espírito. Os elementos são eternos, e espírito e elemento, inseparavelmente ligados, receberam uma plenitude de alegria”* (Doutrina e Convênios, 93.29,33,34).

Joseph Fielding Smith, em carta dirigida ao Ancião Whitney, escreve:

*“Nosso conhecimento de pessoas e coisas antes de irmos para cá, aliado à divindade despertada em nossas almas pela obediência ao evangelho... orienta nossas preferências no decurso desta vida... Será que podemos saber aqui alguma coisa que não sabíamos antes de vir?... Eu creio que nosso salvador possuía presciência de todas as vicissitudes que teria de atravessar neste tabernáculo mortal. Se Cristo sabia antes, nós também sabíamos. Mas, ao irmos para cá, esquecemos tudo para que nossa agência seja realmente livre para escolher o bem ou o mal”* (*Era*, 23.101; *Gospel Doctrine*, p.15-16).

James E. Talmage, ao explicar a transição do estado anterior do homem, declara:

*“Foi demonstrado que a mortalidade é divinamente fornecida como meio de disciplina e de prova, pelo qual a geração espiritual de Deus possa desenvolver seus poderes e demonstrar seu caráter. Cada um de nós foi adiantado do estado sem corpo ou preexistente para nossa condição atual, em que o espírito individual se acha provisoriamente unido a um corpo de carne e ossos”* (Talmage, *The Vitality of Mormonism*, p.48-49).

Mais adiante no mesmo capítulo, Talmage refere-se a Jesus Cristo como sendo *“o primogênito entre todos os filhos espirituais de Deus”*, que *“havia de vir ao mundo... para ensinar aos homens os princípios salvadores do evangelho eterno”* (Talmage, *The Vitality of Mormonism*, p.48-49).

Para os mórmons, a Queda foi um episódio fortuito — lamentável sem dúvida na ocasião para os participantes — mas inteiramente necessário para o progresso final dos homens. Sobre a Queda, escreve Talmage:

*“Por participarem de alimento impróprio para sua condição, e contra o qual já tinham sido avisados especificamente, o homem e sua mulher ficaram sujeitos à degenerescência física”* (Talmage, *The Vitality of Mormonism*, p.52).

Provavelmente uma das declarações mais concisas e ao mesmo tempo compreensivas a respeito do homem, sua origem e seu destino, segundo a doutrina dos mórmons, é esta de John A. Widtsoe:

*“Ele (o homem) existia antes de vir para a terra; estava com Deus no princípio; aceitou a oportunidade que lhe foi oferecida por seu pai de vir à terra para ser provado, refinado e educado; vive sobre a terra sob leis, regulamentos e a autoridade do Senhor: morrerá, porém com tempo reaverá seu corpo e, em virtude de seus esforços de justiça, prosseguirá eternamente para a exaltação eterna, ativa e progressiva. O destino do homem é divino. A vida sobre a terra é apenas um capítulo de uma jornada eterna. O homem é um ser eterno. Ele também é “de eternidade em eternidade.”*

*“Nesta maneira de pensar, a salvação adquire sentido definido. Quem quer que esteja em processo de desenvolvimento ou de progressão está em processo de salvação. Conhecimento em aumento, usado de conformidade com o plano do Senhor, torna-se em poder para remover todos os obstáculos do processo. Nas palavras de Joseph Smith, ser salvo é ser colocado “além do poder do mal”.*

*“Evidentemente, pois, nossa salvação, iniciada no passado remoto, está sendo desenvolvida por nós na terra e dela nos aproximaremos em sua maior perfeição através dos séculos infinitos da vida futura. Assim todos os homens podem ser salvos, porém em graus proporcionais a suas obras de justiça”.*

*“Salva então o homem a si mesmo? De certo ponto de vista, sim. Contudo, é somente através do plano divino que a salvação pode ser alcançada; portanto, o homem é apenas um sócio no processo salvador. A salvação é um empreendimento cooperativo entre Deus e o homem”* (John A. Widstoe, *Varieties of American Religion, Seção Mórmon*, p.132-133).

Veja-se agora o contraste entre as complicadas teorias do homem-Deus e a declaração simples das Escrituras: *“Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”* (Gênesis 2.7).

## CAPÍTULO SETE OS MÓRMONS E A SALVAÇÃO

Para o teólogo mórmon, a Salvação é uma proposição puramente hipotética. Uma vez que Deus nada mais é do que um homem exaltado, que passou pelas experiências de uma existência terrena, tal como acontece com todos os homens, não existe a necessidade de brindar-lhe com os atributos de absoluta justiça e santidade.

Uma vez que Jesus Cristo é simplesmente mais um dos filhos de Deus, tal como nós somos, Ele perde seu caráter de Deus Filho. Nada permanece de singular ou ímpar em sua Pessoa e obra.

Uma vez que o homem não é pecador por natureza, e que seus pecados podem ser anulados pelo batismo com água com a idade de oito anos, não há grande motivo para o homem incomodar-se com o pecado, que não traz consigo qualquer penalidade especial. Infelizmente, porém, para os mórmons, a questão do pecado não pode ser liquidada com tamanha facilidade.

A atitude de Joseph Smith para com o pecado e a salvação é bem expressa por Werner, que diz: *“Em sua juventude, Joseph Smith sentia-se dividido entre o medo de não ser salvo eternamente e o desejo de gozar a vida de dia a dia. Para sorte de seu sossego de espírito, ele pôde conciliar os dois sentimentos, conseguindo sua própria nomeação por Deus para gozar a vida”* (Morris Robert Werner, *Brigham Young, A Biography*, p.63).

Na filosofia mórmon, a Salvação nada mais é do que a preparação, por meio do progresso pessoal na vida presente, para uma vida física expandida na vida futura e que não leva consigo os distúrbios da presente.

Praticamente não há diferença entre as filosofias mórmon e muçulmana, exceto que o projeto dos mórmons é mais desenvolvido e de acordo com as experiências julgadas desejáveis pelos ocidentais, ao passo que o "paraíso" muçulmano se baseia nos valores orientais.

Em Los Angeles, em 1956, foi completado um fabuloso templo novo. É provável que seja o mais espetacular edifício religioso contemporâneo que existe. Esse templo foi franqueado para inspeção por gentios durante algumas semanas. Agora fica disponível para mórmons de boa posição para fins ritualistas, como a confirmação de casamentos para a eternidade e batismo pelos mortos.

Uma das feições desse templo é uma série de cinco salas cuja decoração e quadros murais apresentam as várias etapas da história terrena do homem desde a Criação até seu estado final em um paraíso terrestre restaurado.

Essa sala "celestial" final pretende dar uma ideia dos deleites a serem gozados por aqueles que alcançarem o reino celestial. A revista Time descreve-a nestes termos: *"uma luxuosa sala de estar com poltronas e sofás bem acolchoados, quadros murais delicados e candelabros complexos"* (Revista Time, 16/01/1956). Sugere tudo que agradaria a americanos amantes do conforto que gostariam de viver perpetuamente no corpo físico sem os males ou cuidados físicos.

O índio americano tinha quase a mesma filosofia, com a diferença de que a ideia do índio era de um céu que era um campo feliz, onde havia sempre caça disponível, e onde o lobo não atrapalhava nem soprava o vento norte.

O paraíso mórmon nada sugere da esfera espiritual, nem conhece a alegria da paz indizível dos pecados perdoados e da vida compatível com a presença de Deus, a ser gozada eternamente na comunhão do Pai, do Filho, do Espírito Santo e com a multidão dos remidos.

A fim de estabelecer o confronto da salvação na concepção mórmon e a salvação conforme é aceita por todos os cristãos ortodoxos, seja qual for sua denominação, delinearemos o conceito cristão da salvação para então citar escritores aceitos pelos mórmons. O leitor poderá tirar suas próprias conclusões. A salvação, segundo a Bíblia, abrange uma tripla libertação:

1. Libertação das penalidades do pecado, de modo que o pecador se apresenta justificado diante de Deus e purificado da culpa do pecado. Fica-lhe assim garantida a vida eterna e isenção do juízo.

2. Libertação do poder do pecado em sua vida diária e através de toda a sua experiência terrestre como crente. Isso lhe é assegurado pela presença do Espírito de Deus que nele habita.

3. Libertação, finalmente, da própria presença do pecado, quando os remidos forem introduzidos na presença de Deus.

Existem algumas pequenas variações no modo de expressar esses três benefícios básicos da salvação, porém todos os cristãos concordam em que todos esses benefícios são resultados exclusivos da obra redentora de Cristo sobre o Calvário. Os cristãos são unânimes em afirmar que a obra do Calvário foi substitutiva. Crêem que Jesus Cristo, como Substituto do homem, satisfizes todas as exigências de Deus contra os homens caídos, no que se refere ao pecado. A validade dessa obra redentora é comprovada pela ressurreição física de Jesus Cristo dentre os mortos, o que demonstrou sua vitória sobre a morte.

A salvação, segundo a Bíblia, está à disposição de todos, sejam quais forem as profundezas a que o pecador se tenha rebaixado na quantidade ou qualidade de seus pecados, uma vez que a obra redentora do Calvário é completa. A salvação é alcançada pela aceitação do livre dom de Deus conforme Efésios 2.8-9: *"Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie"*.

A salvação não é alcançada pelo esforço próprio nem pelas boas obras. O que faz, porém, é dar ao crente a capacidade de produzir boas obras, não com a finalidade de perpetuar ou incrementar sua salvação, mas porque se encontra no crente o empenho para produzir fruto para Deus, por um sentimento de amor para com o Salvador.

Agora contrastemos com esse conceito cristão e bíblico da salvação o conceito mórmon. Notar-se-á que os escritores mórmons tomam por empréstimo textos da Bíblia para apoiar sua opinião, porém sem discriminação quanto ao assunto em discussão no contexto da Escritura citada. Eis uma declaração de John A. Widtsoe, tido pelos mórmons como sendo um de seus apologistas mais competentes :

*"Que é salvação? É o estado que resulta quando a pessoa está em harmonia com a verdade. O homem pode estar sempre no caminho para a salvação, porém, na sua*

*plenitude, a salvação é o eterno alvo. A lei da salvação, como de toda a vida, é a eterna progressão. Havemos de crescer, diária e eternamente, na justiça e nas boas obras. Aqueles que se acham em estado de salvação, estão em estado constante de progressão. Aqueles que forem estáticos, ou que regredirem, são "os perdidos". Mesmo para estes, a terna misericórdia de Deus fornece um lugar apropriado em seu reino e a oportunidade para o contínuo arrependimento. Quem quer que se tenha colocado, pela obediência à lei divina, além do poder do mal, até esse ponto está salvo.*

*Como é que se pode alcançar a salvação? Pela aceitação dos princípios e das práticas da verdade vinda de Deus e constituindo o plano da salvação pelo uso resolutivo da vontade para obedecer a qualquer custo as exigências do evangelho: e o apelo constante na oração a Deus pela assistência.*

*Será que Cristo opera pelo homem alguma coisa que o homem não pode fazer para si? Sim. Ele é nosso Redentor; ele nos conduz através da obscura vereda; seu sacrifício nos habilitará a reavermos os corpos que depositamos na sepultura; ele é nosso advogado com o Pai. Ele é o nosso Comandante” ((John A. Widstoe, *Varieties of American Religion*, Seção Mórmon, p.137-138).*

Quanto à antipatia manifestada pelos mórmons para com o conceito cristão da salvação, citamos um editorial da página eclesiástica do Deseret News, que é o jornal diário oficial dos mórmons do Lago Salgado:

#### “ESPADA DE DOIS GUMES

*Satanás é arquienganador. Sua doutrina aparece sob muitas formas. Sempre ele tenta desviar as pessoas pondo diante delas noções falsas que, à primeira vista, parecem muito desejáveis.*

*Um de seus métodos mais atraentes para alcançar a humanidade é o de levá-la a crer que pode obter alguma coisa de graça. Quase todo o mundo tem egoísmo suficiente para procurar obter o mais possível pelo preço mais baixo. Satanás aproveita-se dessa qualidade, tanto em nossa vida econômica como na religião: conseguir alguma coisa de graça — ou em troca do menor preço possível.*

*Essa filosofia exata encontra-se em certos tipos de religião. De novo é obter alguma coisa de graça. Há alguns que ensinam que a pessoa pode alcançar plena salvação sussurrando umas poucas palavras mágicas. Confesse só uma crença no Salvador — é só isso. Se você confessar assim, ganha a salvação plena, e nada poderá impedir. Não precisa de obras: você é salvo só pela graça. Assim reza esse ensino.*

*Ganhe alguma coisa — ganhe a salvação — em troca apenas de uma frase. É só dizer: "Eu creio". Não precisa de mais nada do que isso, afirmam. E citam João 3.16 em apoio de seus argumentos.*

*Essa fantasia infundada se tornou tão popular com alguns, que certos entusiastas vão ao ponto de pintar “João 3.16” nas cercas, nas placas de sinalização, nos cruzamentos de nível, nas estradas — em qualquer lugar. Na opinião deles é magia, um meio mágico para ser salvo. Mas é magia negra. E eles se enganam a si mesmos, pois a salvação não vem dessa maneira.*

*Mas não é notável que Satanás apresente essa mesma filosofia, tanto no campo da economia, ou seja, da vida da luta diária, e também na religião? E não é notável que ambas as formas da mesma filosofia falsa sejam tão populares?*

*O Senhor tem bastante a dizer a respeito desse assunto, e a sua doutrina é exatamente o contrário da de Lúcifer. Longe de nos ensinar a obter as coisas de graça, o Senhor valoriza a produção. Sua doutrina é que o ocioso não comerá o pão nem vestirá os trajes do trabalhador.*

*Na religião é a mesma coisa. Somos ensinados que devemos desenvolver nossa própria salvação. Devemos dar muito fruto. Os ramos da videira que não produzirem bastante fruto bom serão cortados e lançados ao fogo. Ele salientou a produção na sua parábola do servo inútil. A fé sem as obras é morta. No Dia do Juízo seremos julgados de acordo com as obras praticadas no corpo.*

*O Senhor determina que nos tornemos perfeitos, assim como Ele o é. Dando-nos o mandamento e ensinando-nos que havemos de desenvolver nossa salvação com oração, jejuns, com fé e testemunho crescentes. Ele nos ensina que havemos de exercer real esforço visando nosso próprio melhoramento.*

*De que modo desenvolvemos a nossa salvação? Participando das atividades da Igreja que desenvolvem em nossas almas aquelas características de Cristo que nos ajudam a tornar-nos como ele. Isso exige esforço consistente e bem planejado, com devoção até o fim. Assim o desenvolvimento da nossa salvação significa o desenvolvimento de personalidades à semelhança de Cristo, o que nos tornará aptos para entrar na presença do Senhor.*

*Os Santos dos Últimos Dias não devem deixar-se enganar pelas filosofias de Satanás, de se conseguirem de graça as coisas. Essa doutrina falsa é como uma espada de dois gumes que destrói quando é brandida para um ou para outro lado, quer na esfera econômica ou na religião” (Deseret News, Salt Lake City, Estado de Utah, 16/01/1952).*

Evidentemente os benefícios da salvação, de acordo com a filosofia mórmon, estariam à disposição de apenas umas poucas pessoas muito dotadas. Aí não há nada para os desamparados, para os medíocres ou para a multidão de habitantes da terra que não teriam os meios ou a oportunidade para produzir o tipo de esforço receitado pelos ensinadores mórmons. Por contraste, a mensagem cristã dirige-se a *"todo o que quiser"*.

O pecador arrependido busca a Cristo com palavras como estas: *"Nada trago nestas mãos: Só confio em tua cruz"*. O mórmon, porém chega dizendo: *"Algo trago nestas mãos: Só confio em minhas obras"*. Qual delas Deus aceitará?

## CAPÍTULO OITO OS MÓRMONS E O BATISMO

Uma das desculpas de Joseph Smith, para não se unir a nenhuma das igrejas cristãs de seu tempo, foi o fato de não serem unânimes em seus pontos de vista sobre o batismo.

Sentia-se "escandalizado" porque os presbiterianos e metodistas aspergiavam crianças ou adultos. Os batistas imergiam unicamente crentes responsáveis. Os Amigos (quacres) não batizavam de nenhum modo. Isso foi na época em que Alexander Campbell estava reunindo adeptos, e os cambelitas insistiam que o batismo pela imersão era necessário para a salvação.

Smith alegava grande angústia sobre o assunto, e, como sua nova igreja estava em vias de ser fundada, era de se esperar que ele chegasse a uma decisão a respeito do batismo. Smith relata que, quando ele e Oliver Cowdry traduziam as placas de ouro, depararam com a menção de "batismo para remissão de pecados".

Smith e Cowdry foram imediatamente para o bosque para orar. Lá se apresentou a eles um mensageiro do Céu que verificaram ser João Batista. Anunciou-lhes que estava para conferir-lhes o sacerdócio da ordem arônica. Smith recebeu ordem para batizar Cowdry e este por sua vez para batizar Smith. Realizado isso, foi-lhes dito que o sacerdócio de Melquisedeque lhes seria conferido mais tarde por Tiago, Pedro e João, que retinham essa autoridade (*Pérola de Grande Valor*, p.97). Isso se deu em 15 de maio de 1829. Até abril de 1830, o *Livro de Mórmon* tinha sido publicado e estava organizada a nova igreja.

Até novembro do mesmo ano, a Igreja tinha adquirido um teólogo na pessoa de Sidney Rigdon. Este fora primeiro batista, depois seguiu Alexander Campbell e adotou seu conceito da regeneração pelo batismo. Rompeu com Campbell quando este não quis adotar as noções de Rigdon sobre o comunismo cristão. Rigdon tinha um grupo de adeptos em Kirtland, Estado de Ohio, onde se praticava o princípio de possuir todas as coisas em comum. Afora essa feição

comunitária, a nova seita de Rigdon seguia de perto os ensinamentos de Campbell. O rompimento deu-se em agosto de 1830.

Há uma lacuna no registro das atividades de Rigdon correspondentes aos poucos meses seguintes. Uma ocorrência nesse período foi a conversão de Parley Pratt aos ensinamentos de Rigdon. Dentro de três meses de sua conversão, Parley viajou na qualidade de evangelista para o Estado de Nova Iorque, onde foi convertido de volta para o mormonismo pela pregação de Hyrum Smith, irmão de Joseph.

Oliver Cowdery, Parley Pratt e dois companheiros foram enviados ao Oeste por Smith, para venderem o *Livro de Mórmon* e pregarem aos índios. Em coisa de dias visitaram Rigdon em Mentor, Estado de Ohio, e ofereceram-lhe um exemplar do *Livro de Mórmon*. Dentro de duas semanas, em meados de novembro de 1830, Rigdon e sua colônia comunitária em peso aceitaram o mormonismo e foram batizados por Cowdery.

Parece não haver dúvida de que as noções de Joseph Smith sobre o batismo eram na realidade as de Rigdon. Há bastante indicação da possibilidade de ter Rigdon estado em contato com Smith durante parte considerável do período de desenvolvimento da Igreja, bem como no período em que escrevia o *Livro de Mórmon*.

O calendário da vida de Rigdon não apresenta anotações referentes aos dois meses entre junho e agosto de 1828, nem às semanas entre 13 de outubro de 1828 e 1 de janeiro de 1829. Foi durante esse período que o manuscrito do *Livro de Mórmon* progredia rapidamente.

Há outra lacuna de maio até julho de 1829. Foi durante esse lapso de tempo que Smith e Cowdery se batizavam mutuamente por ordem de João Batista. Em outro capítulo anotamos que Oliver Cowdery mais tarde comentou que a voz de João Batista parecera extraordinariamente com a do Ancião Rigdon. É provável que fosse realmente Rigdon (Oliver Cowdery, *Defesa*).

Foi durante uma dessas ausências de Rigdon que uma das mais importantes seções de *Doutrina e Convênios* foi preparada. É a seção 20, que traz a data de abril de 1830. Contém instruções completas para a ordenança do batismo, a organização da Igreja e os deveres de seus oficiais. Não foi preparada por nenhum principiante, mas sim por alguém que conhecia todas as práticas da Igreja daquele tempo. Na maior parte de seus detalhes, corre paralelamente com a constituição das igrejas cambelitas da época, das quais Rigdon tinha íntimo conhecimento, sendo um de seus líderes. Contém muita matéria bíblica para ter sido escrita por Smith ou Cowdery sem auxílio. Smith, conforme admitiu sua própria família, era, naquela época de sua vida, quase totalmente desconhecedor da Bíblia (Lucy Mack Smith, *Memoirs*).

A versão dada pelos mórmons da conversão de Rigdon ao mormonismo é que ele aceitou com alegria o *Livro de Mórmon* da primeira vez que lhe foi apresentado, sem ter tido oportunidade para examiná-lo senão ligeiramente. A versão "gentia" da história é que Rigdon tinha estado em contato com Smith durante o período em que se escrevia o *Livro de Mórmon*. Há quem afirme que foi ele que tornou disponível a Smith o *Manuscript Found* de Solomon Spalding.

Os pronunciamentos de Smith, quase na íntegra, foram apresentados na forma de "revelações", inclusive em se tratando de diretrizes em matéria puramente secular. Há em todos os seus escritos referências numerosas ao batismo e à regeneração pelo batismo. O *Livro de Mórmon* contém trinta e duas referências ao batismo. Em uma delas, 1Nephi 10:7-10, conta-se que Lehi, um judeu que vivia em Jerusalém em 600 A.C., profetiza, em boa fraseologia inglesa de 1611, a sequência exata do batismo do Salvador por João Batista, conforme narrado nos Evangelhos. As referências ao batismo vão-se tornando mais frequentes e amplas na parte final do *Livro de Mórmon*, onde se desenvolvem doutrinas tipicamente rigdonianas.



A referência mais estarrecedora, porém, e a primeira na sequência cronológica (embora não fosse revelada senão pelo menos cinco anos após completar-se o *Livro de Mórmon*) é uma descrição detalhada do batismo de Adão por imersão! Passamos a citar boa parte dessa surpreendente revelação:

*“Deus chamou Adão dizendo: se te voltares para mim e creres e te arrependeres de todas as tuas transgressões, e te batizares, sim, na água, em o nome de meu Unigênito Filho, que é cheio de graça e de verdade, o qual é Jesus Cristo, receberás o dom do Espírito Santo.*

*E nosso pai Adão falou ao Senhor e disse: Por que devem os homens arrepender-se e ser batizados em água? E o Senhor disse a Adão: Eis que te perdoei a tua transgressão no Jardim do Éden. E agora eis que te digo: Este é o plano de salvação a todos os homens, pelo sangue de meu Unigênito que virá a ti no meridiano do tempo. E sucedeu quando o Senhor tinha falado a Adão, nosso pai, que Adão clamou ao Senhor, e foi arrebatado pelo Espírito do Senhor, e foi levado para dentro da água, e foi estendido debaixo da água, e foi trazido para fora da água. E assim foi ele batizado e o espírito de Deus desceu sobre ele, e assim foi ele nascido do espírito, e foi vivificado no homem interior. E ele ouviu uma voz do céu, dizendo: Tu estás batizado com fogo, e com o Espírito Santo” (Pérola de Grande Valor, Moses, 6.51-54,62,65).*

Há trinta e oito referências ao batismo em *Doutrina e Convênios*, uma das quais estabelece a idade em que a ordenança deve ser administrada:

*“E os filhos deles serão batizados para remissão de seus pecados quando tiverem oito anos de idade, e receberão a imposição das mãos” (Doutrina e Convênios, 68.27).*

Todos os teólogos mórmons são unânimes em concordar que eles ensinam sem reservas que não há salvação em época alguma — passada, presente ou futura — sem o batismo da água. Nem mesmo eximem dessa lei o ladrão na cruz a quem foi prometido que estaria com o Salvador naquele dia no paraíso.

Afirmam categoricamente que a remissão dos pecados é alcançada mediante a administração do batismo por uma pessoa credenciada, e que nesse ato o Espírito Santo é ministrado ao candidato. Essa é a fórmula total no que concerne à "aceitação do candidato no Reino de Deus". Em tudo isso são forçados a admitir que consideram a fórmula do batismo para remissão de pecados como sendo o processo pela qual a salvação é iniciada.

Isso está na mais absoluta divergência com o ensino da Bíblia. O batismo para remissão de pecados e a salvação da penalidade do pecado são proposições inteiramente diferentes. O exame do sentido do termo, e seus vários empregos no Novo Testamento, demonstrarão que assim é. A palavra para "remissão" no grego é *aphesis*. Pode ser traduzida por liberdade, libertação, perdão, ou pelas expressões despedir, por de lado, remir, omitir, remover. No grego clássico é usada em situações como despedir um escravo que obteve sua alforria, eximir de compromisso, ir passando por alguém, ou ignorar.

No tocante à remissão de pecados, o termo é empregado no Novo Testamento em duas sequências no tocante ao batismo. A primeira se relaciona com o batismo de João (Marcos 1.4; Lucas 3.3). Esse não foi um caso de batismo após conversão individual, mas, antes, de arrependimento nacional em massa, em preparação para a vinda do Messias. Não se trata do batismo cristão.

O segundo caso diz respeito aos judeus arrependidos no Pentecoste (Atos 2.38). Trata-se do batismo cristão daqueles que agora aceitavam seu Messias que antes rejeitavam. Agora Ele

era não só o Messias de Israel, mas também o Salvador dos pecadores. No caso desses judeus o batismo tinha um sentido todo especial. Eles eram homens que tinham participado pessoalmente da rejeição e crucificação do Salvador. Esse crime específico se prendia a eles pessoalmente. Agora pedia-se-lhes que tomassem a si, no batismo público, o nome que, poucas semanas antes, desdenharam. Submetendo-se ao batismo em nome do Senhor Jesus, à plena vista daqueles em cuja presença tinham perpetrado o crime, eram eximidos agora da culpa de seus feitos. Seus pecados eram remidos ou publicamente anulados.

Nesse mesmo sentido o batismo é administrado a pecadores arrependidos que hoje renunciam a seus pecados. Os que presenciam esse batismo estão cientes da vida passada da pessoa arrependida, e têm motivos para esperar que, dessa data em diante, não incorra mais em suas más práticas antigas. Nesse sentido ela tem a remissão de pecados. Seus pecados foram esquecidos por Deus, e os homens não têm mais direito de assacar-lhe os pecados de seu passado.

James E. Talmage, escrevendo sobre a conversão de Paulo (James E. Talmage, *The Vitality of Mormonis*, p.86), cita falsamente o texto de Atos 22.16. Ele o dá como: "*Levanta-te e lava os teus pecados*", ao passo que Paulo cita assim as palavras de Ananias: "*Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados*". As palavras 'recebe o batismo' e 'lava', nessa passagem, não se aplicam a uma só proposição.

Quanto à remissão de pecados, verificamos que o assunto é apresentado mais frequentemente em separado do que em conjunto com o batismo. Hebreus 9.22 informa que "*sem derramamento de sangue não há remissão*" (perdão). Esse pensamento é apresentado também em Mateus 26.28, na instituição da Ceia do Senhor. O Salvador diz: "*Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados*". Ao passo que o batismo é símbolo da purificação dos pecados, somente o "*sangue de Cristo*" aplicado ao pecador é que pode providenciar a remissão dos pecados. Quando Pedro pregava em casa de Cornélio, afirmou: "*todo o que nele crê recebe remissão de pecados*" (Atos 10.43). Aí a remissão de pecados depende simplesmente da aceitação do Salvador pela fé.

Não há contradição entre as três proposições. 1 — O sangue de Cristo possibilita a remissão de pecados; 2 — A fé no Senhor Jesus torna-a disponível; e 3 — O batismo em nome do Senhor Jesus a demonstra.

A palavra, grega para "remissão" é *aphesis* e é usada em vários contextos no Novo Testamento. Ocorre, por exemplo, no "Pai nosso", onde é traduzida por perdoar. Mateus 6.12-15 diz: "*perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores*". Em Mateus 18.21, Pedro pergunta "*até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?*" O Senhor responde: "*Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete*". A palavra perdoar aqui evidentemente diz respeito à eliminação da ofensa de nosso irmão, da nossa mente e do registro. Não se refere à purificação do pecado diante de Deus, que é assunto a ser tratado entre Deus e a pessoa, à base da purificação do pecado por meio do Calvário. O assunto é desenvolvido na primeira epístola de João.

Os mórmons prosseguem no seu argumento pela salvação por meio do batismo, insistindo que certas outras Escrituras se referem ao batismo com água. Alegam, por exemplo, que quando Paulo escreve a esse respeito "*para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra*" (Efésios 5.26) ele fala do batismo com água.

Aplicam também o batismo pela água à declaração de Paulo "*segundo sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo*" (Tito 3.5). A palavra aí é *loutron* e nada tem a ver com batismo, referindo-se antes à palavra de Deus como água que purifica.

Cometem o mesmo erro na aplicação das palavras de Jesus dirigidas a Nicodemos "*Quem não nascer da água (udor e não baptizo) não pode entrar no reino de Deus*" (João 3.5). Isso evidentemente não se aplica ao batismo como também acontece com *água* em João 4.14 e 7.38-39. Essas passagens, conforme declara o evangelista, se referem à operação purificadora do Espírito Santo. É o que João explica em 7.39.

Os mórmons dão muita ênfase à autoridade dos seus sacerdotes para batizarem para remissão de pecados. Alegam que somente eles, na atual dispensação, possuem essa autoridade, e que lhes foi outorgada em 15 de maio de 1829 por João Batista. Vejamos a narrativa. Nessa ocasião significativa, Joseph Smith e Oliver Cowdry receberam ordem para batizarem um ao outro. O mensageiro identificou-se como João Batista.

Aí há alguns problemas. Segundo as Escrituras, a ressurreição não se deu ainda, assim sendo João Batista está na sepultura. Não existe evidência de que ele tenha reaparecido conforme Smith alegou, como homem ressurreto e glorificado. João Batista nunca foi autorizado a ordenar alguém ou a conferir algum sacerdócio. Esse campo é exclusivo domínio da Cabeça da Igreja, Jesus Cristo, entretanto Smith alega que João o ordenou como sacerdote arônico por ocasião de seu batismo.

Seja quem for que apareceu a Smith e Cowdry, se é que alguém o fez, era evidentemente um impostor. Ademais, Joseph Smith foi batizado por Oliver Cowdry, que logo se tornou apóstata, segundo depoimento do próprio Smith. Assim se vê que a autoridade de Joseph Smith se baseia em proposição não bíblica, administrada por um apóstata, mediante ordem de um impostor.

## CAPÍTULO NOVE OS MÓRMONS E O BATISMO PELOS MORTOS

Os mórmons afirmam categoricamente que não há salvação a não ser mediante o batismo com água, administrado por um sacerdote mórmon devidamente credenciado. Alargam essa doutrina para incluir todos os milhões que viveram e morreram sobre a terra sem o conhecimento do "evangelho restaurado" conforme foi revelado a Joseph Smith.

Esse raciocínio só podia resultar, mais dia menos dia, na formulação de uma doutrina de batismo pelos mortos. Ao que parece, essa doutrina foi primeiro declarada em 1841 (*Doutrina e Convênios*, seção 128) quando teve sua primeira menção em termos precisos, embora ensinadores posteriores a liguem à aparição de Elias a Joseph Smith e Oliver Cowdry em Kirtland, Estado de Ohio, em 3 de abril de 1836 (*Doutrina e Convênios*, seção 110). Milton R. Hunter comenta essas circunstâncias:

*"Uma semana depois da dedicação do templo em Kirtland, em 3 de abril de 1836, Elias apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdry no templo e outorgou-lhes as chaves do poder de selagem, para que todas as ordenanças pelos mortos fossem realizadas de forma válida"* (*Millennial Star*, vol. 54. Milton R. Hunter, *Gospel Through the Ages*, p.224).

Aparentemente essa doutrina não foi formulada nos tempos de Kirtland, pois não há registro de que tenham sido realizados batismos pelos mortos antes da inauguração da fonte batismal no templo em construção em Nauvoo, Estado de Illinois. Depois da morte de Smith e a retirada dos "santos" de Nauvoo, a prática só foi recomeçada após o erguimento do templo em Salt Lake City.

Os ensinadores mórmons afirmam naturalmente que o batismo pelos mortos foi sempre praticado pela igreja verdadeira e que esta, conforme restaurada por Joseph Smith, existiu desde o tempo de Adão. Smith, escrevendo à igreja em 6 de setembro de 1842, refere-se ao rito da seguinte maneira:

*“...a ordenança que o Senhor ordenou e preparou antes da fundação do mundo, para a salvação dos mortos que morressem sem o conhecimento do evangelho” (Doutrina e Convênios, 128.5).*

Na mesma revelação, Joseph afirma que os livros referidos em Apocalipse 20.12 e que serão abertos no julgamento do grande trono branco, são os registros de batismo e outros ritos, mantidos pelos secretários oficiais em conexão com o "trabalho do templo" (*Doutrina e Convênios, 128.6-9*).

Milton Hunter, escrevendo em seu *Gospel Through the Ages*, que é um dos textos correntes para a instrução do sacerdócio de Melquisedeque, atualiza os ensinamentos de Joseph Smith. Ele diz:

*“Deus não só revelou ao Profeta Joseph Smith a doutrina do batismo para os vivos, mas estabeleceu de novo sobre a terra a doutrina gloriosa do batismo pelos mortos, abrindo assim a porta para todos os Seus filhos e filhas, que em algum tempo viveram na mortalidade, voltarem para a Sua presença com a condição da sua dignidade. O Senhor falou com Joseph que o batismo pelos mortos fosse realizado em Sua santa casa; de fato, um dos propósitos principais que Ele tinha em mente ao ordenar aos Santos dos Últimos Dias que construíssem templos, foi para a realização dessa santa ordenança. Na revelação o Senhor declarou: "Pois não há uma fonte batismal sobre a terra para que eles, meus santos, possam ser batizados por aqueles que são mortos" (Doutrina e Convênios, 124.29-39).*

*“Então Deus ordenou aos santos que construíssem templos a fim de realizarem a ordenança do batismo pelos mortos, proclamando que essa ordenança foi instituída antes da fundação do mundo para salvação de Seus filhos que, por motivos vários, não quiseram aceitar o evangelho enquanto estavam na mortalidade” (Milton R. Hunter, *Gospel Through the Ages*, p.223-224).*

James Talmage torna claro que ninguém é isento dessa ordenança, citando o caso do malfeitor arrependido que foi crucificado junto com o Senhor Jesus. Diz Talmage:

*“Inferir que o transgressor crucificado foi salvo pela sua confissão, quando ele estava moribundo, e que lhe foi concedido um passaporte especial para o Céu com os pecados sem expiar, e sem sua obediência às "leis e ordenanças do evangelho", é desprezar tanto a letra como o espírito das Escrituras e desconhecer tanto a razão como o senso de justiça — a bênção que lhe foi prometida significava que naquele dia ele ouviria o evangelho pregado no paraíso (os mórmons ensinam que Jesus pregou o evangelho a todos os mortos durante os três dias entre sua morte e ressurreição). Na aceitação ou rejeição da mensagem de salvação ele ficaria sendo agente para si mesmo. A exigência da obediência às "leis e ordenanças do evangelho" não foi deixada de lado, suspensa ou substituída no caso dele, nem tampouco o será para alma alguma” (Talmage, *Vitality of Mormonism*, p.70-71).*

A doutrina é defendida como bíblica usando-se a alusão de Paulo a essa prática: *“Doutra maneira, que farão os que se batizam por causa dos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles?” (1Coríntios 15.29).*

Paulo aqui não estava tratando do assunto do batismo, nem da salvação, e sim da ressurreição. Batismo pelos mortos era praticado unicamente por seitas heréticas como os

marcionitas e montanistas, e foi proibido em 393 pelo Concílio de Hipo. A respeito da referência de Paulo. A. F. Plummer afirma: *“Refere-se evidentemente a alguma coisa fora do normal. Existia algum rito batismal que os coríntios conheciam e que perderia seu sentido sem a crença na ressurreição. A passagem não dá a entender que São Paulo aprova o rito anormal, porém simplesmente que existe e faz subentender a doutrina da ressurreição”* (Hasting’s, *Dictionary of the Bible*, p.245).

Os mórmons fazem constantemente "trabalho pelos mortos" compilando genealogias de seus antepassados e de outras pessoas notáveis, fazendo-se então batizar por essas pessoas. Os mórmons levam tudo isso muito a sério. Um mórmon confessou-me que já tinha sido batizado mais de cinco mil vezes pelos mortos.

É essa, sem dúvida, a atividade mais difundida da igreja mórmon e é um dos propósitos principais do magnífico novo templo em Los Angeles. Os mórmons alegam que esse templo foi construído para durar através do milênio e que, no decorrer do período de mil anos procederão ao batismo, por procuração, de todos os mortos dos séculos passados que não tiveram oportunidade para corresponder ao "evangelho restaurado" de Smith.

Precisaria haver um computador muito avançado para calcular o número total daqueles que, em todos os séculos da história da humanidade, nunca ouviram ao menos falar de Joseph Smith. Fazemos uma ideia de que o total seria tão estupendo que nem mil templos mórmons iguais ao de Los Angeles seriam suficientes para acomodá-los.

Em vão se procura, nas Escrituras, qualquer sugestão de que quem morreu sem Cristo receberá nova oportunidade de salvação. As Escrituras são categóricas quanto à sorte daqueles que rejeitaram o Salvador. Lemos:

*“aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo”* (Hebreus 9.27).

*“Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto... E se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo”* (Apocalipse 20.12-15).

Autoridade maior que o Senhor Jesus não pode ser citada, ao contar Ele mesmo, com seus próprios lábios, a história do rico e Lázaro. Ele descreve com detalhes vivos a permanência do estado dos mortos. Leia-se cuidadosamente Lucas 16.19-31.

Procura-se também em vão qualquer palavra bíblica que indique que o homem se salve por suas próprias boas obras, ou pelas obras de outros realizadas a seu favor. Entretanto, lemos:

*“ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça”* (Romanos 4.5).

*“pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”* (Efésios 2.8-9).

Para conhecimento de qualquer mórmon que ler estas páginas, verificamos que os versículos que acabamos de citar são apresentados de forma idêntica na *Versão Inspirada da Bíblia* de Joseph Smith.

## CONCLUSÃO

Muitos cristãos, desconhecendo a verdadeira natureza dos ensinamentos dos mórmons, defenderão seus vizinhos mórmons como gente boa, de vida limpa, piedosos e honestos. Apontarão as maravilhosas práticas de beneficência da Igreja dos Mórmons. Exaltarão os mórmons como sendo, em geral, trabalhadores e econômicos. Todas essas coisas nós reconhecemos e apreciamos como valiosas contribuições para a sociedade. Não as censuramos.

Essas virtudes, porém, não fazem de ninguém um cristão. Satanás fica sobremaneira contente quando seus seguidores apresentam boas aparências. Afirmamos que tais virtudes nada têm a ver com nossa aceitação perante DEUS, uma vez que nunca nos submetemos às exigências divinas referentes a seu Filho, Jesus Cristo.

Quando os cristãos deixam de demonstrar as virtudes citadas, ficam aquém do propósito de Deus, porém são elas apenas subprodutos da vida cristã.

Na avaliação de qualquer religião, seja ela simpática ou não, façam-se as seguintes perguntas:

1. Aceita ela a Palavra de Deus, tal como está, sem o acréscimo de auxílios, explicações ou "escrituras" adicionais ?
2. Oferece, livremente e sem reservas, ao Senhor Jesus o seu verdadeiro lugar como eterno Filho de Deus?
3. Reconhece sua morte como único meio pelo qual os pecadores possam ser salvos?
4. Reconhece o homem como pecador, totalmente incompetente para salvar-se por seus próprios méritos?
5. Oferece a livre salvação a quem quer que busque a Deus? O ignorante, o vil, o abandonado, o perturbado?
6. É capaz de transformar em santo um leproso moral, dominado pelas paixões?
7. É o tipo de fé que representa Deus abaixando-se pela graça em direção ao homem, ao invés de mostrar o homem subindo por meio de escadas que ele próprio erigiu?

Caso contrário, não é cristã. "Foge destes".